

Aliança pelos Investimentos
e Negócios de Impacto

10

ANOS

de construção

COLETIVA

Diretoria executiva
2014-2022:

Diretoria executiva a partir 2023:



AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos às organizações e profissionais que nos apoiaram na elaboração desta publicação:

Andrea Oliveira
Kestenbaum
(Positive Ventures)

Daniel Contrucci
(Climate Ventures)

Daniela Arantes
(BNDES)

Diogo Quitério
(ICE)

Fernanda Bombardi
(ICE)

Graziela Comini
(CEATS | IPÊ)

Guilherme Calheiros
(MCTI)

Leonardo Letelier
(Sitawi)

Lucas Ramalho Maciel
(MDIC | Enimpecto)

Marcelo "DJ Bola" Rocha
(A Banca | ANIP)

Marcia Soares
(Fundo Vale)

Mariana Fonseca
(Pipe.Social)

Mariano Cenamo
(AMAZ)

Maure Pessanha
(Artemisia)

Mona Nóbrega
(Sebrae RN)

Neca Setubal
(Fundação Tide Setubal)

Rafael Gioielli
(Instituto Votorantim)

Sir Ronald Cohen
(GSG)

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTAS

Amélia Gomes
Arline Lins

REDAÇÃO

Amélia Gomes
Arline Lins

REVISÃO TÉCNICA

Marcello Marques Espirito Santo

REVISÃO GRAMATICAL E ORTOGRÁFICA

Marcello Marques Espirito Santo
Daniel Ottaiano

DESIGN GRÁFICO

Isac Bernardo

IMAGENS DE CAPA

Unsplash

ILUSTRAÇÕES

Freepik

PARCEIRO REALIZADOR



ÍNDICE

08

Um novo caminho
para mudanças
sistêmicas



14

Articulando o
movimento para
uma nova economia



26

Os investimentos e
negócios de impacto
na agenda pública



36

Novos horizontes
para os
Investimentos



44

Mobilizando capital
para Impacto: Case
FIIMP



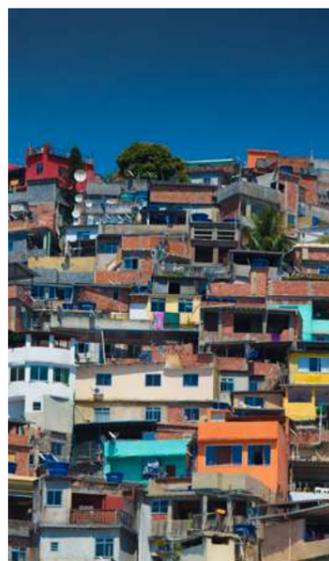
50

Empreendedorismo
social em pauta
Brasil afora



56

Impacto na base



64

Legado conceitual
para o ecossistema
nacional



74

A forma de fazer
da Aliança



06

Carta ao leitor

80

Um olhar para o
futuro

O ICE liderou a prototipação da Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto em 2013. Sabíamos que queríamos fortalecer o ecossistema de apoio a negócios e investidores comprometidos com impacto socioambiental positivo, mas ainda não sabíamos qual o melhor caminho para isso.

Era importante apoiar a estruturação dos conceitos e contornos em torno dessa agenda a partir de referências globais e nacionais. Era importante identificar cada uma das peças desse ecossistema e impulsioná-las individualmente, mas sem perder a visão sistêmica de que essas peças deveriam atuar de forma complementar e colaborativa. Era importante ter uma visão crítica sobre as lacunas no atendimento e conexão de empreendedores e investidores, e criar recomendações para superar esses desafios; mas também era importante termos uma visão carinhosa e celebratória para os pequenos avanços que trouxeram mais organizações, redes e projetos experimentando os investimentos e negócios de impacto. Ao longo dos últimos 10 anos tentamos fazer um pouco de tudo isso.

Olhando para trás, estamos muito orgulhosos de termos produzido e apoiado mais de três dezenas de publicações, que resultaram de escutas e construções coletivas, e ajudaram a pautar o debate. Testamos laboratórios de inovação social, juntando mais de cem organizações do Brasil todo para pensar os desafios deste ecossistema e desenhar soluções inovadoras – e sabemos que esses encontros se desdobraram em outras parcerias e fomentos.

Priorizamos as conexões com políticas públicas, buscando referências globais e nacionais para construir uma proposta de valor que mobilizasse gestores públicos e contribuimos para a criação, em dezembro de 2017, da Enimpecto – Estratégia Nacional de Investimentos e Negócios de Impacto. Ajudamos a posicionar o Brasil no movimento global de investimento de impacto, tendo feito parte, desde sua criação em 2015, do Global Steering Group (organização que conta hoje com cerca de 40 países). Criamos dois ciclos de recomendações para avanços do tema no Brasil, com metas que poderiam ser compartilhadas e orientar a atuação de diversos setores para uma nova economia de impacto. E reconhecemos-nos como uma backbone organization, uma organização estruturante de ecossistema, com todos os desafios e oportunidades de inovação presente nessa atuação de bastidores.

Dez anos depois, entendemos que cumprimos nossa missão com a Aliança pelo Impacto. O ICE segue atuando na agenda, contribuindo de outras formas. Estamos particularmente animados com a criação da Coalizão pelo Impacto, nossa nova investida colaborativa para fomento a ecossistemas locais de impacto. Contudo, a Aliança pelo Impacto foi pensada pelo ecossistema e para o ecossistema, e avaliamos que uma iniciativa como essa ainda é da maior importância para o Brasil. Tivemos o gratificante encontro com a Din4mo Lab, que agora assume a Diretoria Executiva da Aliança. Essa transição será uma oportunidade para gerar inovação e con-



ARON VISUALS/UNSPLASH

tinuidade ao legado de sucesso que marcou a trajetória da Aliança.

Três agradecimentos especiais. Em primeiro lugar, obrigado à Fundação Getúlio Vargas e Sitawi que, por períodos específicos, compartilharam a Diretoria Executiva da Aliança pelo Impacto com o ICE. Foi muito importante contar com o apoio de vocês para as discussões e escolhas complexas. Um salve aos generosos conselheiros que tivemos durante esses anos, trazendo provocações, conexões e legitimidade às entregas e a forma de fazer da Aliança pelo Impacto. E finalmente, a todos os parceiros financeiros que acreditaram na nossa proposta de transformação. Não é simples captar recursos para atividades de articulação, colaboração, prototipação e conhecimento, por isso um obrigado especial ao Banco Itaú, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), British Council, Fundo Vale, Instituto Humanize, Cosan, Fundação Telefônica-Vivo, Instituto Península, Instituto Vedacit, Lew Lara e Deloitte.

Muitas outras pessoas mereciam agradecimentos e reconhecimento. Essa publicação é uma forma de responder a isso, resgatando fatos, personagens e conquistas dessa história de dez anos – mas sempre apontando para o futuro e os desafios ainda postos. Boa leitura!

EQUIPE ICE

Célia Cruz, Beto Scretas, Diogo Quitério, Vivian Rubia e Deborah Yara.

Um novo caminho para mudanças

SISTÊMICAS

POR AMÉLIA GOMES

Há uma década, diferentes atores uniram forças e visões para estruturar o ecossistema de negócios de impacto no Brasil, iniciando uma articulação pioneira que inseriu a temática na agenda empreendedora do país.





Participação de Sir Ronald Cohen no evento lançamento das recomendações da Aliança pelo Impacto em 2015

“**P**lantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro: três coisas que toda pessoa deve fazer durante a vida”. A frase do poeta cubano José Martí norteia a criação de um legado. Mas, diariamente, há quem se pergunte quais ações podem substituir as atitudes apontadas na frase, ou mesmo, o que fazer além do que é citado pelo poeta em prol de um mundo melhor.

Questionamentos como esse têm o potencial de transformar culturas, relações, conceitos, valores, e contribuir para mudanças sociais sistêmicas. Essas mudanças podem partir de diferentes lugares, inclusive do empreendedorismo. Entre as alternativas para a construção de um mundo melhor, estão os negócios de impacto. Esse tipo de empreendimento apresenta soluções para problemas sociais e ambientais de forma economicamente

sustentável, demonstrando grande potencial para contribuir com a resolução dos principais desafios do nosso tempo.

A Aliança pelo Impacto surge para impulsionar essa alternativa. Ao somar esforços com organizações comprometidas com a transformação socioambiental positiva, a Aliança tem a missão de articular e colaborar para estruturar o ecossistema dos investimentos e negócios de impacto no Brasil.

Sir Ronald Cohen, autor do livro “Impacto: um novo modelo de capitalismo para gerar mudanças verdadeiras no mundo”, defende os negócios de impacto ao dizer: “precisamos de novas soluções voltadas tanto para os nossos desafios sociais quanto para os ambientais. Mas de onde virão as soluções ousadas de que necessitamos? Se nem os governos e o setor privado foram capazes de promover melhorias urgentes numa escala signifi-

“**Quando falamos em mudar a forma de fazer negócios, tem a ver com como os processos na empresa acontecem e como as relações nas empresas se dão**”

MAURE PESSANHA
Presidente do Conselho da Artemisia

cativa, talvez a resposta esteja numa modificação do nosso sistema econômico”.

A empreendedora social e presidente do Conselho da Artemisia, iniciativa pioneira no Brasil, Maure Pessanha, reforça que os negócios pautados por esse olhar, mais sustentável e socialmente responsável, devem ultrapassar os critérios da lucratividade e, ainda, das soluções sociais em si. Esses negócios também precisam priorizar os aspectos humanos. “Quando falamos em mudar a forma de fazer negócios, tem a ver com como os processos na empresa acontecem e como as relações nas empresas se dão”.

Maure é testemunha das primeiras articulações para a construção do que hoje conhecemos como ecossistema de investimentos e negócios de impacto e da concepção da Aliança pelo Impacto. “Anteriormente, nossas referências no Brasil eram muito vindas do movimen-

to da economia solidária”, analisa. Ela lembra que as inspirações para os negócios de impacto também vieram do professor Muhammad Yunus e de iniciativas que estavam acontecendo em outros lugares do mundo, como, por exemplo, no México e na escola Europeia.

O professor Muhammad Yunus é um economista nascido em Bangladesh, que venceu o Prêmio Nobel da Paz por defender a expansão do microcrédito e um capitalismo humanizado. Ele é considerado uma inspiração por atuar de forma revolucionária na concessão de microcrédito para empreendedores muito pobres, sem as exigências dos bancos comerciais, por meio do Grameen Bank (Banco do Povo). Essa forma de emprestar dinheiro ajudou milhares de pessoas a sair da pobreza.

Maure destaca que, por volta de 2009, o Brasil passava por um aumento de renda da classe C e as pessoas passavam a ter mais acesso a dinheiro, mas isso não implicava, necessariamente, em uma melhor qualidade de vida. “Eu tenho dinheiro no bolso, mas não necessariamente me sinto consumindo melhor, não me sinto bem servido em termos de educação, de saúde, de habitação”, explica. Esse contexto reforçava a necessidade de soluções para atender aos anseios da população.

O cenário estava propício para o fortalecimento de novas estratégias e soluções de impacto social positivo. Em paralelo, o Instituto de Cidadania Empresarial (ICE) começava a se aprofundar na agenda dos investimentos e negócios de impacto. Em 2013, um grupo de trabalho, composto inicialmente por dez organizações, se uniu com o propósito de pensar esse ecossistema, criar estratégias para fomentar os negócios de impacto no país e mobilizar empreendedores.

O grupo de trabalho buscou referências globais sobre o tema em diferentes países, como os Estados Unidos, o Reino Unido e o Canadá. Concluiu-se que criar uma organização dedicada a articular e pensar o ecossistema de in-

vestimentos e negócios de impacto de forma estratégica seria relevante para fomentar o setor e dinamizá-lo. O movimento se consolidou primeiro com a criação da Força Tarefa de Finanças Sociais, que pouco tempo depois, deu origem à Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto, com o ICE na secretaria-executiva.

Desde o início, a Aliança atuou colaborativamente para impulsionar os investimentos e negócios de impacto, incluindo diversos atores nesse processo. “Foi muito importante trazer a visão de vários atores para a sua construção, incluindo o setor privado, formuladores de políticas públicas, advogados, jornalistas e outros públicos de interesse”, afirma Maure. “Com uma visão 360, a Aliança contribuiu para amplificar a voz de agentes do campo, de aceleradoras e de empreendedores sociais”.

O trabalho estruturante realizado pela Aliança colaborou significativamente para o avanço da agenda e do debate sobre os investimentos e negócios de impacto no Brasil. Em perspectiva, Maure analisa os avanços e aponta os desafios: “Tudo avançou, as organizações estão amadurecendo, a imprensa evoluiu muito em relação à pauta. Mas ainda nos deparamos com desafios, como a distribuição geográfica dos investimentos e negócios de impacto e a forma de atuar tanto dos dinamizadores quanto dos empreendedores”.

Os negócios de impacto despontam, cada vez mais, como uma das soluções para os desafios sociais do nosso tempo. Para Maure, quando esses negócios conseguirem qualificar, contribuir e dar acesso a políticas públicas, será alcançado o que realmente se almeja: “ver os negócios de impacto desempenhando um papel na melhoria da qualidade de vida da população”. Afinal, essas empresas estão mais bem preparadas para tornar esse sonho realidade, por estarem conectadas às reais necessidades das pessoas. ■

DEPOIMENTO



Nos últimos 8 anos, desde a criação do Global Steering Group for Impact Investment (GSG) e da Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto, representante brasileiro no GSG, observamos um grande avanço das ideias do movimento de impacto para o mainstream. A pressão dos investidores, consumidores, talentos e reguladores têm sido responsáveis por mudar o sistema econômico. O valor das ações das empresas no mundo todo está sendo afetado pelo rápido avanço da mensuração dos impactos ambientais e sociais gerados pelas companhias.

Em paralelo, foi provado que a abordagem pay-for-outcomes (pagamento por resultados) é duas vezes mais efetiva que a abordagem tradicional pay-for-services (pagamento por serviços) nos gastos públicos. O mercado financeiro também tem adotado a abordagem pay-for-outcomes. Em apenas quatro anos, títulos e empréstimos ligados à sustentabilidade se tornaram um mercado de USD 1,5 trilhão.

Como é demonstrado nesta publicação, a Aliança contribuiu significativamente para o progresso do impacto, ao estabelecer estreitas relações com o governo e outros stakeholders, publicar relatórios informativos e incentivar a disseminação da abordagem e das iniciativas de impacto, incluindo o lançamento, em 2017, da estratégia governamental para os próximos dez anos para os investimentos e negócios de impacto, a Estratégia Nacional de Investimentos e Negócios de Impacto (Enimpecto).

O progresso feito até agora oferece uma excelente plataforma para o crescimento exponencial nas próximas décadas. Parabéns pelos seus esforços. Espero ansiosamente pelos avanços dos próximos anos.

SIR. RONALD COHEN

Presidente do Global Steering Group for Impact Investment (GSG)

Articulando o movimento para uma nova

ECONOMIA

POR AMÉLIA GOMES INFOGRAFIA ISAC BERNARDO

Motivada pela crença de que modelos de negócios poderiam contribuir para reduzir a pobreza e promover o desenvolvimento sustentável, a Aliança pelo Impacto se inspira em modelo bem-sucedidos em outros países e constrói, de forma colaborativa, recomendações para avançar os investimentos e negócios de impacto no Brasil

Em 2013, o Instituto de Cidadania Empresarial (ICE) direcionou suas ações para impulsionar a crença de que modelos de negócios que unem impacto social positivo e retorno financeiro poderiam complementar políticas públicas, investimento social privado e o terceiro setor, na busca pelo desenvolvimento ambientalmente sustentável e redução da pobreza.

Essa percepção, aliada à observação de experiências similares em países que estavam trabalhando para fortalecer o ecossistema de impacto, levou à necessidade de se criar uma força-tarefa no país para elaborar e implementar estratégias para fomentar uma infraestrutura de organizações e redes que pudessem apoiar empreendedores e investidores de impacto. Em 2014, um grupo de 21 lideranças que vinha analisando e estudando o potencial desse setor, criou a Força Tarefa Brasileira de Finanças Sociais (FTFS), que depois se tornaria a Aliança pelo Impacto.

Leonardo Letelier, CEO da SITAWI Finanças do Bem, integrou o grupo que concebeu esta força tarefa e, posteriormente, foi codiretor-executivo da iniciativa, juntamente com o ICE. Com mais de 20 anos de experiência em negócios, finanças e no setor social, Leonardo também foi diretor da iniciativa Cidadania Econômica para Todos na Ashoka e trabalhou na McKinsey por 8 anos. Hoje, é reconhecido como um dos pioneiros no cenário de Finanças Sociais e Investimentos de Impacto, no Brasil e no mundo. “Eu já estava trabalhando com negócios de impacto desde 2007, o que significa que eu já trabalhava na área antes mesmo do termo existir”.

A inspiração inicial desse grupo veio de ações que já estavam sendo desenvolvidas na Inglaterra e no Canadá, países com ecossistemas mais maduros. “Passamos por um processo de discutir a criação e o papel desse movimento coletivo nos moldes do que existia na Inglaterra e em outros países”, recorda Leonardo. Após a criação da força-tarefa, se constituiu o primeiro conselho executivo da iniciativa.

No início, relembra Letelier, “a iniciativa era muito ligada ao setor privado”. Essa im-

portante observação ajudou a moldar a metodologia de trabalho da Aliança, que desde o início foi permeada por processos de escuta e consulta a diversos atores da sociedade. Entre as primeiras ações concretas da Aliança, destaca-se a criação da “Carta de Princípios para Negócios de Impacto” e a publicação “Finanças Sociais: Soluções para Desafios Sociais e Ambientais”.

A Carta de Princípios nasceu com o propósito de nortear a sociedade na identificação e na implementação de negócios e organizações de impacto. A carta começou a ser desenvolvida a partir de

um documento elaborado por 21 organizações no âmbito da Força Tarefa de Finanças Sociais, e envolveu duas fases de consulta. Na primeira, foi consultado um grupo de 18 especialistas. Já a segunda, via plataforma aberta, ampliou a consulta a cerca de 800 organizações brasileiras, das quais 56 apresentaram sugestões de aperfeiçoamento do texto.

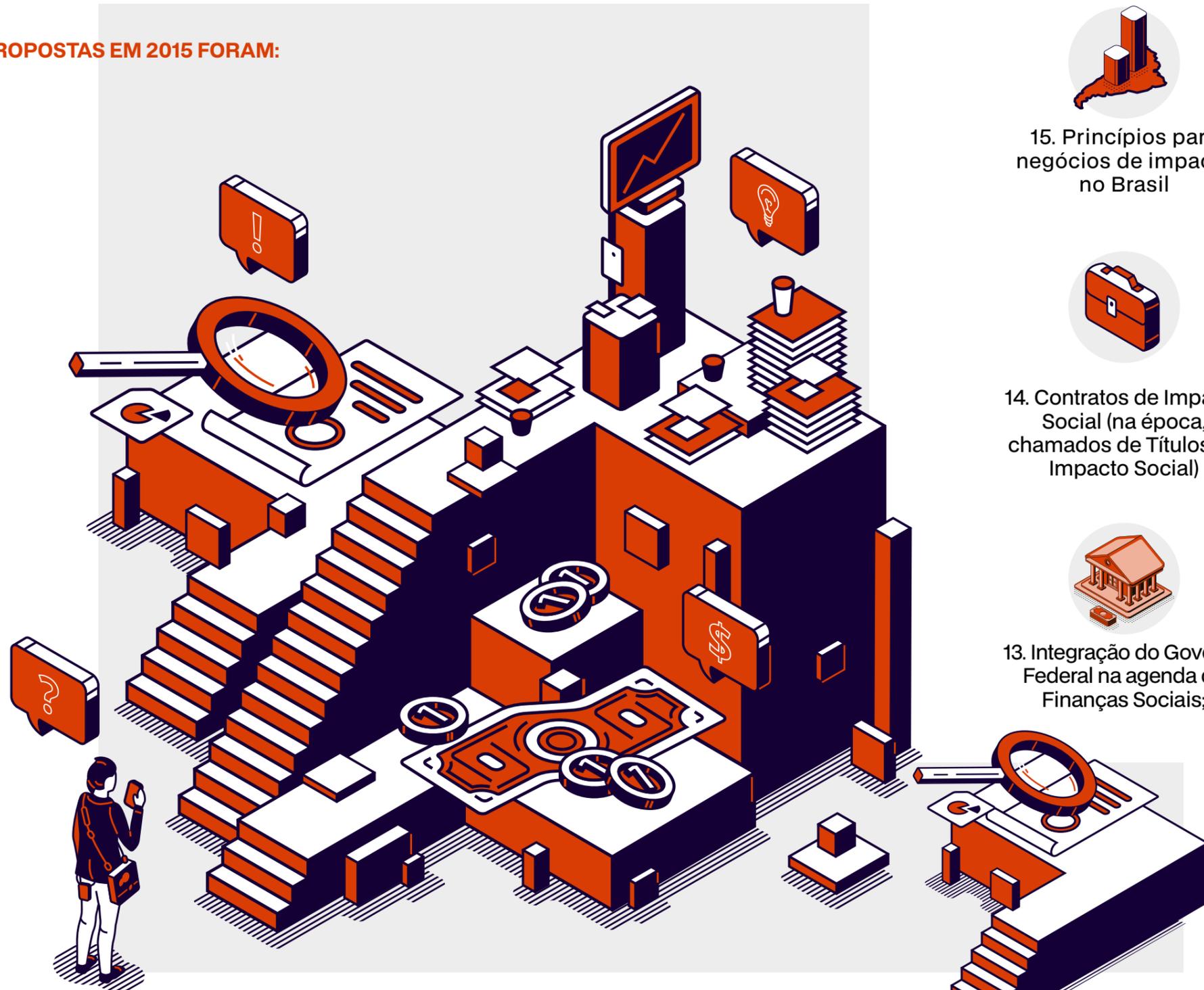
A publicação “Finanças Sociais: Soluções para Desafios Sociais e Ambientais”, consolidou 15 recomendações definidas como prioritárias para o fortalecimento da agenda de Finanças Sociais de 2015

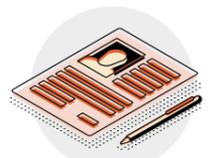
a 2020. As recomendações partiram de uma série de documentos produzidos entre 2012 e 2015, sistematizados e debatidos com profissionais e organizações atuantes no campo dos investimentos e negócios de impacto. Foram analisadas 85 recomendações elaboradas pelos países do G7. Destas, especialistas discutiram as que tinham relevância no contexto brasileiro. Entre eventos e reuniões individuais, foram consultadas 500 pessoas que garantiram a diversidade de visões, interesses e temas abordados pelas recomendações.



Diretoria Executiva e Conselheiros da Aliança pelo Impacto com Sir Ronald Cohen no evento de lançamento das recomendações em 2015

AS RECOMENDAÇÕES PROPOSTAS EM 2015 FORAM:




1. Investimento de indivíduos de alta renda em produtos de impacto


2. Protagonismo de fundações e institutos;


3. Expansão e capitalização de fundos sociais;


4. Uso do subcrédito social do BNDES para negócios de impacto;

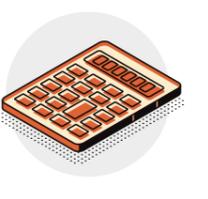

5. Inclusão de negócios de impacto na cadeia de valor das empresas;


6. Criação de modelos para inclusão de negócios de impacto nas compras governamentais;


7. Chamadas para fundos de investimento de impacto;

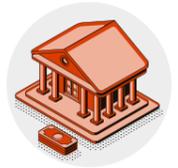

8. Fortalecimento de incubadoras e aceleradoras para qualificar mais negócios de impacto;


9. Apoio do Sebrae aos empreendedores de negócios de impacto;


10. Conhecimento e formação;


15. Princípios para negócios de impacto no Brasil


14. Contratos de Impacto Social (na época, chamados de Títulos de Impacto Social)


13. Integração do Governo Federal na agenda de Finanças Sociais;


12. Promoção da cultura de avaliação;


11. Formatos inovadores para apoio e investimento em negócios de impacto;



SAIBA MAIS
Confira a publicação "Finanças Sociais: Soluções para Desafios Sociais e Ambientais (Recomendações 2015-2020)"



DYLAN GILLIS/UNSPASH

Ao liderar, dar suporte e disseminar seus princípios e recomendações, a Aliança se consolidou como uma das principais articuladoras dos investimentos e negócios de impacto no Brasil, demonstrando desde o início o caráter cocriativo dos seus processos. Ao refletir sobre o trabalho realizado nesse período, Letelier destaca que a Aliança apoiou várias iniciativas lideradas por outros atores. “Essa é a forma dela brilhar!”.

Fica evidente que a criação da Aliança contribuiu para fortalecer os investimentos e negócios de impacto e pavimentou o caminho para mudanças sistêmicas. O êxito dessa trajetória está conectado à articulação entre diversos atores que reconhecerem a importância de um ecossistema forte para gerar mais e melhores negócios de impacto. Em sua avaliação final, Leonardo Letelier é enfático: “a Aliança está cumprindo seu papel de promover o ecossistema”. ■

DEPOIMENTO



REPRODUÇÃO/YOUTUBE

“Participo do Conselho da Aliança desde que foi implementado em 2014. E muito me orgulho disso. A história começa em 2012 quando o ICE foi convidado a participar do II Seminário de Impact Investment (SOCAP), em São Francisco, Califórnia. Renata Nascimento, presidente do ICE, resolveu então montar um grupo para conhecer o assunto e estudar sua aplicabilidade ao Brasil. Confesso que com uma visão certamente muito maior que a minha, que desconfiava que se tratava de uma ideia romântica de como consertar o mundo.

Ledo engano meu! Logo me impressionou que ao lado de algumas delegações com aspectos de “romantismo”, havia equipes do Citibank, Fundação Rockefeller e muitos outros expoentes do capitalismo moderno.

Voltei, como os demais, entusiasmado com a possibilidade de implantar no Brasil este conceito de que o investimento poderia olhar não só para retorno, como também para o seu impacto social e ambiental.

Logo vimos que poderíamos contar com o apoio de entidades públicas (BNDES, Ministério da Indústria e Comércio (MIDC) e outros foram parceiros de 1ª hora) e o Conselho foi criado de tal forma que preservasse a ideia viva, sem ser encampada por nenhum grupo em particular.

Hoje nos alegra muito ver o quanto já andamos (ideia conhecida e incorporada em atores relevantes do sistema) e mais ainda o quanto temos para andar. Mãos à obra!”

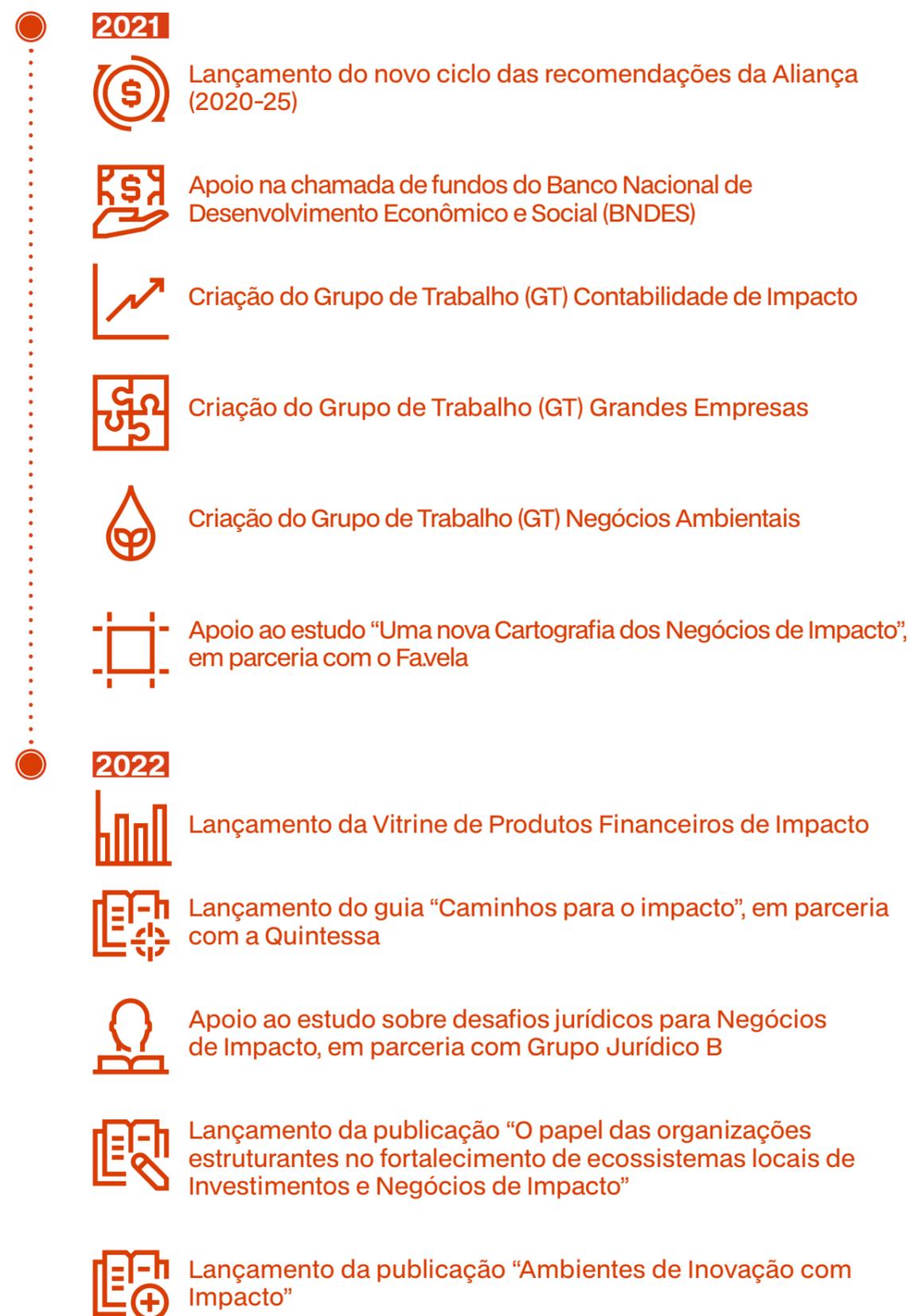
GUILHERME AFFONSO FERREIRA

Um dos maiores investidores do país, sócio fundador da Teorema Capital, e integrante dos Conselhos da Aliança pelo Impacto e ICE

Linha do tempo da Aliança pelo Impacto



Linha do tempo da Aliança pelo Impacto



Os investimentos e negócios de

IMPACTO

na agenda pública

POR AMÉLIA GOMES INFOGRAFIA ISAC BERNARDO

A contribuição da Aliança no processo de articulação para inserir os negócios de impacto na agenda pública do Brasil



REPRODUÇÃO/AUPA

Reunião de trabalho do comitê Enimpecto, em Brasília 2018

Diferente de outros países, os esforços articulados para fortalecer o ecossistema de investimentos e negócios de impacto no Brasil foram capitaneados, principalmente, por entidades privadas e pela sociedade civil organizada. No Reino Unido, por outro lado, foi o governo quem puxou de forma mais estruturada essa agenda. No entanto, a Aliança pelo Impacto reconhecia a relevância e a potência do engajamento do setor público nessa temática.

Diante desse cenário, em 2016, iniciou-se uma parceria técnica entre a Aliança e a Secretaria de Inovação e Novos Negócios do, então, Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Dessa parceria, nasceu um grupo de trabalho composto por outros órgãos de governo, como o BNDES, Ministério do Planejamento, Caixa, entre outros. Esse grupo mapeou oportunidades de atuação do se-

tor público na agenda e, assim, passou a engajar outros entes públicos.

Esse trabalho foi fundamental para que, em dezembro de 2017, fosse criada, via decreto presidencial, a Estratégia Nacional de Investimentos e Negócios de Impacto (Enimpecto), uma política de Estado, com prazo de 10 anos, direcionada ao fortalecimento do ecossistema. A estratégia foi criada com o objetivo de articular órgãos e entidades da administração pública federal, do setor privado e da sociedade civil para promover um ambiente favorável ao desenvolvimento de investimentos e negócios de impacto. Então, a Enimpecto se torna uma política pública do Governo Federal, tornando o Brasil um dos países pioneiros nesse tipo de iniciativa.

Entre as muitas pessoas envolvidas na criação da Enimpecto, podemos destacar o papel proeminente desempenhado por Lucas Ramalho Maciel. Como coordenador da iniciativa, Lucas acompanhou

a Estratégia desde seu início, sendo um dos membros da equipe que realizou as primeiras escutas com a comunidade civil para construção dos direcionamentos. Atualmente, Lucas Ramalho está como Diretor do Departamento de Novas Economias, da Secretaria de Economia Verde, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços.

Ele esteve e continua presente em cada uma das ações da Enimpecto e pontuou que a Aliança foi fundamental na construção da estratégia. “Não haveria Enimpecto sem o trabalho da Aliança” afirma Lucas. “Eles constituíram um grande movimento em torno da iniciativa, municiando o grupo de trabalho com muitas informações e gerando conexão entre muitos atores, tanto nacionais quanto internacionais. A Aliança fez um trabalho de advocacy (mobilização para influenciar a formulação de políticas e a alocação de recursos públicos) impecável”.

QUADRO

A Enimpecto tem cumprido diversos papéis importantes, entre eles o de estabelecer conceitos e definições relacionados ao tema na agenda pública:



Negócios de Impacto:

Empreendimentos com o objetivo de gerar impacto socioambiental e resultado financeiro positivo de forma sustentável



Investimentos de Impacto:

Mobilização de capital público ou privado para negócios de impacto



Organizações Intermediárias:

Instituições que facilitam, conectam e apoiam a conexão entre a oferta (investidores, doadores e gestores empreendedores) e a demanda de capital (negócios que geram impacto social)

A partir dessas definições e para cumprir suas estratégias, a Enimpecto atua em cinco eixos prioritários:

1. Ampliação da oferta de capital;
2. Aumento do número de negócios de impacto;
3. Fortalecimento das organizações intermediárias;
4. Promoção de um normativo favorável aos investimentos e negócios de impacto;
5. Promoção da articulação interfederativa com Estados e Municípios no fomento à economia de impacto.



Primeiro encontro oficial da Aliança com BNDES 2015 com Luciano Coutinho

A aproximação com o setor público possibilitou a conexão da agenda dos investimentos e negócios de impacto com organizações de referência, como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O banco de desenvolvimento direcionou mais de R\$1,5 bilhões para apoio a fundos e plataformas comprometidas com impacto socioambiental positivo. Lucas ressalta que esses resultados não são exclusivamente devido à Enimpecto. “Muitos outros movimentos estão envolvidos, mas a Enimpecto contribuiu muito nesse processo”.

Outro resultado importante da Estratégia foi a criação ou adaptação de programas para apoiar o desenvolvimento de negócios de impacto. O Inovativa, por exemplo, nasceu para oferecer capacitação, mentoria e conexão para negócios inovadores. Em 2016, abriu-se uma frente para apoiar negócios de impacto,



SAIBA MAIS

Confira na íntegra o decreto 11.646 que instituiu a Estratégia Nacional de Economia de Impacto e o Comitê de Economia de Impacto. Clique [aqui](#) para acessar ou escaneie o QR Code acima.

o Inovativa de Impacto. O programa de aceleração já apoiou mais de 200 startups de impacto no país.

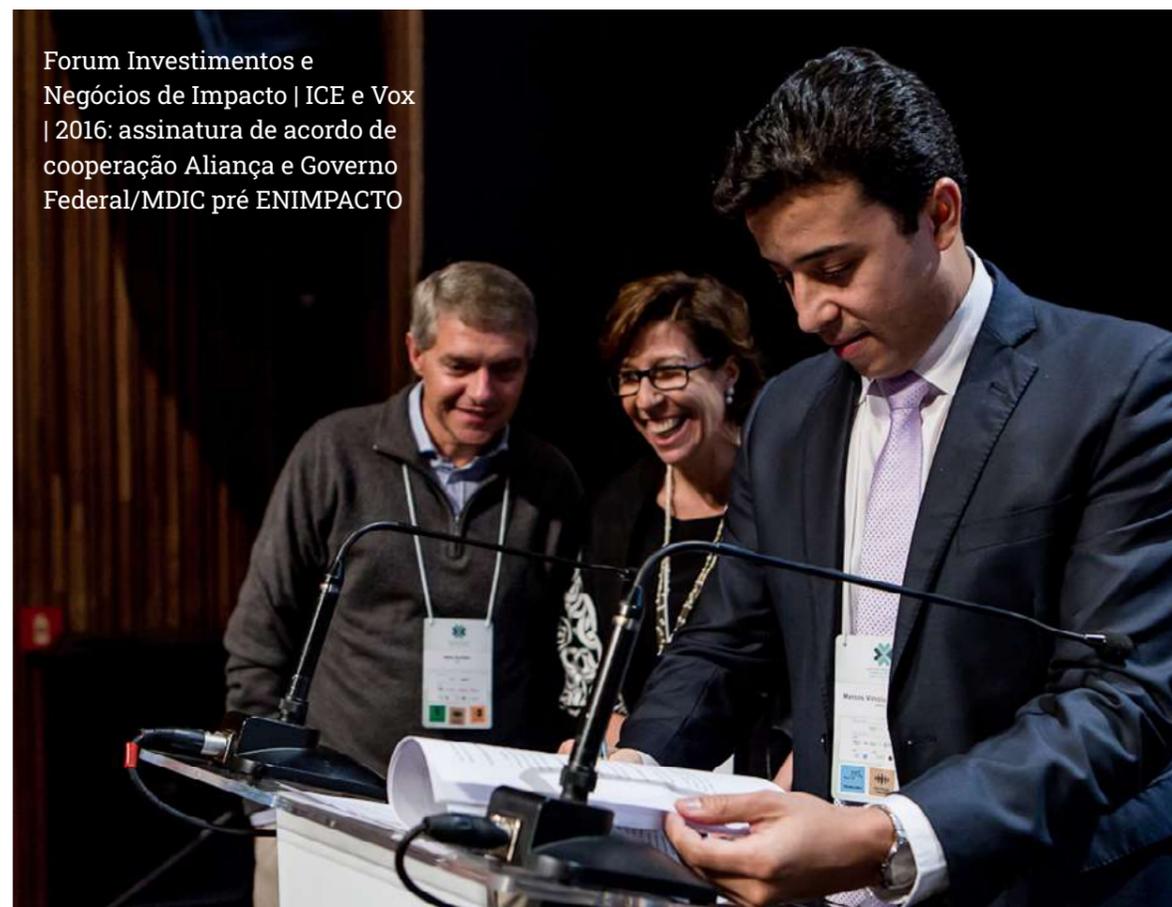
A Enimpecto também contribuiu para o desenvolvimento do Programa de Incubação e Aceleração de Impacto, uma parceria entre a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec), o Instituto de Cidadania Empresarial (ICE) e o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). O programa tem o objetivo de mobilizar incubadoras e aceleradoras para atrair e acompanhar negócios de impacto.

Com o Sebrae, foi criado o curso sobre empreendedorismo de impacto, que capacitou mais de 20 mil empreendedores. Essas ações mostram a importância da Enimpecto para o ecossistema e para o Brasil, e a Aliança pôde contribuir com tudo isso. “Por conta da Enimpecto foi possível criar

políticas e programas voltadas para o fortalecimento da economia de impacto”, destaca Lucas.

Em meados de 2019, a Enimpecto passou por um período de incertezas, mas o Decreto 9.977, que revogou o texto de 2017 que criava o Comitê de Investimentos e Negócios de Impacto, manteve o grupo original. Recentemente, em 16 de agosto de 2023, o Governo Federal assinou o Decreto 11.646, que substituiu o Decreto 9.977, e instituiu a Estratégia Nacional de Economia de Impacto e o Comitê de Economia de Impacto.

Entre as mudanças, o novo decreto ampliou o número de membros do comitê, totalizando 25 entes públicos e 25 entes privados. Também, foi criado o 5º eixo estratégico de atuação, que visa “promover a articulação interfederativa com Estados e Municípios no fomento à economia de impacto”. Segundo Lucas, o novo eixo visa dar conta do diálogo com



Forum Investimentos e Negócios de Impacto | ICE e Vox | 2016: assinatura de acordo de cooperação Aliança e Governo Federal/MDIC pré ENIMPACTO

REPRODUÇÃO

os estados e com os municípios que estão investindo ou têm interesse em investir na criação de estratégias locais de investimentos e negócios de impacto.

Este incremento está associado à criação do Sistema Nacional de Investimentos e Negócios de Impacto (Simpacto). Em fase de tramitação no Senado, o sistema planeja reunir as políticas subnacionais de impacto desenvolvidas por estados e municípios. A iniciativa visa ampliar a oferta de capitais, públicos e privados, para investimentos e financiamentos e, ainda, estimular o envolvimento dos negócios de impacto em contratações públicas para a oferta de melhores serviços.

As mobilizações em torno do Simpacto seguem, especialmente, nos âmbitos estaduais. Atualmente, os estados de Alagoas, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte, possuem

legislações, em diferentes etapas de aprovação e tramitação, dedicadas ao tema.

Lucas enfatiza que os investimentos e negócios de impacto têm um potencial significativo para contribuir com os desafios estratégicos do país. Entre as prioridades do atual governo que possuem sinergia com essa agenda, pode-se destacar a pauta da sustentabilidade, que inclui a produção com baixas emissões de carbono, a adoção de energias renováveis, a promoção da bioeconomia e a transição ecológica.

A partir dessas prioridades do governo, Lucas avalia a interseção do cenário político nacional com os investimentos e negócios de impacto: “O desafio para a economia de impacto em relação ao governo é a conexão com essa agenda de prioridades. O ecossistema precisa se conectar muito bem e o governo federal tem o desafio, e a responsabilidade, de ser bem-sucedido nesse processo de con-

DEPOIMENTO



REPRODUÇÃO/LINKEDIN

“A atuação do BNDES com a agenda de impacto vem evoluindo, e muito, nos últimos quase 10 anos. Lembro da primeira vez em que ouvimos falar no tema, tão desconhecido para nós naquele momento, e das primeiras discussões que tivemos, a convite da Aliança Pelo Impacto, sobre o assunto.

Antes mesmo da criação da ENIMPACTO, a Carta de Princípios para Negócios de Impacto no Brasil, elaborada pela Aliança, apontava para o potencial papel que o banco de desenvolvimento poderia ter no fomento aos negócios de impacto. As recomendações, assim como demais discussões sobre o tema, motivaram e inspiraram o BNDES a aprofundar a sua atuação no campo.

A primeira atuação se deu em 2015. Naquele ano, a BNDESPAR resolveu incluir os fundos de impacto socioambiental dentre os setores/produtos preferenciais para a Segunda Chamada Pública Multissetorial. Em 2018, todos os editais para seleção de fundos passaram a ter como um dos critérios classificatórios a metodologia de acompanhamento dos investimentos do Fundo, sendo desejável a inclusão de critérios de mensuração de impacto social e ambiental das atividades das sociedades investidas.

Este critério deixa de ser desejável e passa a ser um dos critérios classificatórios na chamada do ano seguinte, passando, dois anos depois, a ser critério eliminatório. Neste mesmo ano, 2021, o BNDES lança duas importantes iniciativas: a chamada para seleção de 45 startups de impacto a serem aceleradas pelo programa BNDES Garagem; e a chamada para seleção de gestores de fundos de impacto.

Ao fazer isso, o BNDES exerce não só o seu papel de financiador, mas principalmente o seu papel indutor, sinalizando ao mercado que investimento de impacto é relevante em sua atuação”

DANIELA ARANTES

Chefe do Departamento de Gestão Pública de Municípios e Inclusão Produtiva do BNDES



Mona Nobrega em evento do Sebrae/RN em 2022

M. NETO

xão com a agenda de impacto”.

Outros desafios que podem representar oportunidades para o ecossistema incluem questões orçamentárias, considerando o redirecionamento de recursos públicos para iniciativas de impacto de forma mais transversal, e desafios regulatórios, alinhando a economia de impacto à reforma tributária, à agenda ESG e às boas práticas empresariais. “Se os investimentos e negócios de impacto conseguirem entrar no processo de superação desses desafios, as chances deles ganharem escala serão maiores”, concluiu Lucas.

Lucas ressalta a importância de uma economia que não apenas mitigue os efeitos da iminência climática e suas externalidades negativas, mas que também consiga reparar os danos causados ao meio ambiente e à sociedade. Diante desses desafios, a economia de impacto ocupa uma posição privilegiada, pois se dedica a abordar essas questões.

A Enimpecto está ligada à Diretoria de Nova Economia do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Enquanto diretor da pasta, Lucas afirma que a Estratégia é uma de suas prioridades. “Eu acredito que a Enimpecto vai se beneficiar da liderança do governo federal, que tem se voltado para a agenda da inclusão social, da redução das desigualdades e para a agenda ambiental. Tudo isso é o cerne da economia de impacto”, concluiu.

Na interseção da agenda pública e dos investimentos e negócios de impacto, emerge um mosaico de sinergias. Enquanto os últimos anos testemunharam consideráveis conquistas, fica evidente que os horizontes a serem desbravados permanecem vastos. À medida que a Enimpecto e o Simpecto embarcam em uma nova etapa, o compromisso que norteia essa jornada é compartilhado por todos os atores inseridos neste ecossistema em constante movimento. ■

DEPOIMENTO



“Se, atualmente, temos no Rio Grande do Norte um ecossistema de impacto apoiado por políticas públicas, é porque existiu um movimento de entusiastas e uma articulação nacional. A Aliança pelo Impacto foi capaz de direcionar esforços e orientar diretrizes sobre o desdobramento estadual de uma legislação em prol dos negócios de impacto.

Esse mesmo movimento foi, ainda, responsável, por estimular diversos atores locais, organizações intermediárias, empreendedores, financiadores e setores públicos e privados, por meio de inúmeras iniciativas ao longo desses dez anos de atuação. A Aliança foi responsável pela geração de conteúdos, conhecimentos, estudos, publicações, encontros e agendas em comum, possibilitando integração e uma verdadeira onda de negócios sustentáveis e inclusivos.

A nós, restou aproveitar esse conhecimento e incorporá-lo no ecossistema potiguar. Temos um comitê de Investimento e Negócios de Impacto atuante, um ecossistema crescente, empreendedores sociais cada vez mais maduros e uma interlocução permanente, e cada vez mais robusta com a Enimpecto. Vida longa à nova fase da Aliança pelo Impacto junto à Din4mo, que recebe um legado inestimável do grande trabalho feito pelo ICE”

MONA PAULA NÓBREGA

Gerente da Unidade de Desenvolvimento Rural e Negócios de Impacto do Sebrae/RN

REPRODUÇÃO/CONFERÊNCIA ETHOS

Novos horizontes para os

INVESTIMENTOS

POR **ARLINE LINS**

INFOGRAFIA **ISAC BERNARDO**

Diante dos desafios ambientais e sociais que o mundo enfrenta, a necessidade de atrair recursos para investimentos de impacto torna-se urgente. No Brasil, a Aliança pelo Impacto se destaca na articulação para mobilizar investidores dispostos a alinhar seus investimentos com propósitos sociais e ambientais

De acordo com estimativas do Global Steering Group for Impact Investment (GSG), há uma lacuna de 4 trilhões de dólares para financiar a transição para uma economia justa e sustentável. Os investimentos públicos e a filantropia não conseguem pagar essa conta sozinhos. Se por um lado as finanças públicas estão sob pressão de diversas demandas, por outro há uma concentração crescente de recursos privados que podem ser direcionados para investimentos que beneficiam toda a sociedade e, ao mesmo tempo, tem potencial para gerar retornos financeiros para os investidores.

Com a missão de ser uma organização catalisadora de capital para impacto, o GSG foi criado em agosto de 2015, com origem na Força Tarefa de Finanças Sociais dos países do G7, criada em 2013. O Brasil passou a integrar o GSG desde sua criação, tendo como representante local a Aliança pelo Impacto. À época, o GSG era composto por 13 países. Hoje, conta com quase 40 países membros. Entre as principais diretrizes do GSG para os seus membros, está a necessidade de atrair mais investimentos para impacto positivo.

Para fazer frente a essa demanda, a Aliança trabalha para ampliar a oferta de capital para impacto no Brasil. Ações como o FIIMP, que veremos em detalhe no próximo capítulo, contribuíram para a adesão de novos investidores na agenda dos investimentos e negócios de impacto. Também acompanha e incentiva novos mecanismos de investimentos desenvolvidos por parceiros. A Din4mo, por exemplo, liderou a discussão sobre o blended finance no país. Esse mecanismo que prevê aportes combinando recursos filantrópicos, públicos e privados. Os recursos públicos ou filantrópicos funcionam como um colchão de garantias para absorver as primeiras perdas de projeto ou negócio, reduzindo os riscos para o investidor.

Segundo o relatório “Investimentos de Impacto no Brasil 2021”, publicado em março de 2023 pela Ande Brasil, os investimentos de impacto no país atingiram a marca de R\$18,7 bilhões em dezembro de 2021. Um aumento significativo em relação aos



Evento de lançamento de publicação da Aliança sobre os avanços do ecossistema em 2016

REPRODUÇÃO/ALIANÇA

R\$350 milhões registrados em dezembro de 2013. O relatório aponta que os investidores têm respondido às consequências deixadas pela crise sanitária, principalmente nos campos da pobreza, do trabalho e da educação. As alterações climáticas, segundo o relatório, continuam sendo o destaque das causas apontadas para investimentos.

Neca Setubal, conselheira da Aliança pelo Impacto e presidente do Conselho da

Fundação Tide Setubal, desempenhou um papel ativo na aproximação do investimento social privado com a agenda de investimentos e negócios de impacto. Ao analisar os números da pesquisa da Ande Brasil, Neca afirma ter percebido as mudanças refletidas no relatório. Em sua visão, a pandemia de COVID-19 pode ter acelerado esse processo ao evidenciar a urgência de questões como a desigualdade e fome no país.

A sociedade brasileira foi compelida a enfrentar essas questões, e as empresas se viram sob pressão para fornecer respostas e ações além de suas atividades comerciais.

Neca aponta que as fontes de financiamento progrediram significativamente no Brasil, impulsionadas também pela crescente adoção da agenda ESG. Mas o avanço do aspecto social, representado pelo “S”, tem sido significativamente



INVESTIMENTOS

R\$ **18,7**
BILHÕES

foi o total de investimentos de impacto no Brasil, em dezembro de 2021.

Em dezembro de 2013, o número coletado pela Ande foi de R\$ 350 milhões.



SAIBA MAIS

Confira na íntegra o relatório Investimentos de Impacto no Brasil 2021



menor em comparação com as questões ambientais. “A questão social está longe de ser um tema que as empresas se apropriem. Elas sempre acham que isso é só do governo”, afirma. Com relação à diversidade, é possível observar um avanço moderado na representação das mulheres, mas o mesmo não pode ser dito em relação às questões raciais e LGBTQIA+. “Caminhamos lentamente, menos do que gostaríamos, com questões muito sérias para serem resolvidas e com um embate grande em uma sociedade dividida”.

Apesar da contribuição da agenda ESG, há uma diferença entre ela e os investimentos de impacto. O ESG orienta-se para a redução e mitigação dos riscos sociais, ambientais e de governança. O investimento de impacto foca em soluções mensuráveis de impacto que gerem retorno socioambiental positivo. Há também uma diferença em relação ao investimento social privado, que consiste em repasses e doações para entidades beneficentes e projetos sociais,

ambientais e culturais de forma estratégica, planejada, monitorada e sistemática.

Neca Setubal articulou ações da Aliança, em parceria com o GIFE (Grupo de Institutos, Fundações e Empresas), para mobilizar o investimento social privado para investir nos negócios de impacto. “Realizamos oficinas para entender como as fundações podiam atuar com negócios de impacto”, lembra. “As fundações têm a clareza de que não dá para fazer sozinhas”. O **Censo GIFE 2020**, uma das principais pesquisas sobre investimento social privado e filantropia no Brasil, apontou que 56% das fundações trabalham com negócios de impacto.

O tema tem sido debatido calorosamente entre os institutos e fundações empresariais. “Algumas pessoas acreditam que todo investimento social privado vai caminhar para o investimento de impacto, mas não há um consenso”, conta Neca. Na opinião da conselheira, nenhuma destas vertentes está destinada a desaparecer. “Em um mundo tão complexo como o que vivemos

hoje, precisamos de todas essas abordagens para enfrentar os desafios presentes”.

Para ampliar o acesso ao conhecimento sobre os diversos tipos de investimentos em negócios de impacto e estimular novos investidores, a Aliança desenvolveu a **plataforma Investir com Impacto**. Nela, é possível obter informações sobre como dar os primeiros passos nesse tipo de investimento e identificar as oportunidades adequadas a cada perfil de investidor. O foco é nos investimentos indiretos via produtos financeiros de impacto, que apresentam oportunidades em plataformas de financiamento coletivo, títulos de renda fixa ou fundos de impacto, que passam pela curadoria da Aliança e atendem a critérios obrigatórios de seleção.

Com o intuito de atrair mais investidores, a Aliança também trabalhou para aproximar o ecossistema dos family offices, responsáveis pela gestão do patrimônio de famílias de alta renda. Em 2015, ao lançar as diretrizes para promover a agenda de in-

vestimentos e negócios de impacto no Brasil, sua primeira recomendação foi voltada para investidores individuais e familiares. A meta estabelecida até 2020 era que esses agentes alocassem de 1% a 3% de seus investimentos em fundos ou produtos financeiros alinhados ao impacto social.

A iniciativa do FORImpact - Family Offices de Impacto, um protótipo criado a partir do Laboratório de Inovação da Aliança, reuniu doze famílias para debater o impacto positivo nos seus portfólios de investimentos e experimentar aportar capital em negócios de impacto. Com base nessa experiência, a Aliança elaborou um guia para orientar as famílias interessadas em realizar investimentos de impacto. Ao apresentar os desafios e aprendizados dessa jornada, o material é uma importante ferramenta para apoiar famílias investidoras.

Por meio da Fundação Tide Setubal, Neca também tem apoiado experiências inovadoras de instrumentos financeiros com impacto socioambiental positivo. Em parceria com a Din4mo e o Grupo Gaia, foi **desenvolvida uma debênture de impacto visando financiar milhares de reformas de casas na periferia** por meio do negócio de im-

pacto Vivenda. Foi um convite desafiador para experimentar modelos além da doação. “Quando fizemos o aporte na debênture financeira da Vivenda, foi possível captar outros investidores até completar o que era necessário”, relembra Neca. “A Vivenda está aí até hoje, já se expandiu, inclusive com formatos que vão além das reformas”.

A ausência da cultura de capital paciente dos investidores brasileiros, pode ser um dos fatores para que essa aproximação entre os investidores de alta renda e os negócios de impacto ainda tenha espaço para ser ampliado. Grandes empresas se sentem mais seguras investindo em organizações com um retorno de impacto mais rápido. É importante compreender que os negócios têm uma jornada de desenvolvimento, e que também precisam de recursos financeiros para organizar seus primeiros passos.

Em contextos mais vulnerabilizados, os instrumentos financeiros precisam ser ainda mais sensíveis a essa jornada. Os ne-



DIVULGAÇÃO/VIVENDA

Fundadores do negócio de impacto Vivenda: Fernando Assad, Igiano Souza e Marcelo Coelho

gócios de impacto das periferias, por exemplo, enfrentam muitos desafios. Para Neca Setubal, o principal desafio está no contexto social: “É um grande desafio porque o empreendedor tem que lidar com a sobrevivência diária. Temos apoiado, trouxemos muita gente [das periferias] nos últimos seminários, mas ainda é difícil fazer essa agenda acontecer”.

Com a evolução dos investimentos e negócios de impacto, fica claro que os investidores podem desempenhar um papel crucial para impulsionar soluções inovadoras para os diversos problemas da sociedade. Novos mecanismos financeiros emergem como pontes entre aspirações altruístas e realidades pragmáticas, traçando um caminho onde o lucro e o propósito podem coexistir harmoniosamente. Ao reescrever as regras do jogo, podemos vislumbrar um futuro onde o capital se torna um catalisador poderoso para mudanças positivas. ■



SAIBA MAIS

Confira na íntegra a publicação FORImpact - Um guia para famílias e family offices sobre investimentos de impacto socioambiental

DEPOIMENTO



DIVULGAÇÃO

“Tive o privilégio de acompanhar a evolução do ecossistema de investimentos de impacto no Brasil. Quando falamos em ecossistema, estamos falando da articulação entre diversos atores dessa agenda, como o governo, a academia, as aceleradoras e incubadoras, os fundos de investimentos em negócios de impacto que ainda são poucos, mas que, desde 2015, cresceram em número e em capital sob gestão.

A Aliança e o ICE cumpriram um importante papel no fomento dessa articulação, de forma muito bem estruturada, que resultou não só na quantidade de negócios de impacto, mas também na qualidade dos negócios. Esse ambiente empreendedor está muito mais sofisticado e preparado. Hoje, nós conseguimos perceber a clareza de conceitos. Acredito que entramos em uma fase muito forte de expansão do ecossistema.

Acredito que a Aliança e o ICE fizeram um trabalho muito consistente, com muita clareza e principalmente fazendo uma articulação com as famílias de alta renda, que são quem tem o potencial financeiro para de fato fazer esses negócios serem financiados da melhor forma possível. O trabalho da Aliança foi muito certo.”

ANDREA OLIVEIRA KESTENBAUM
Cofundadora e CEO da Positive Ventures

Mobilizando capital para

IMPACTO

Case FIIMP

POR AMÉLIA GOMES INFOGRAFIA ISAC BERNARDO

A articulação com o Investimento Social Privado e a experimentação de diferentes instrumentos financeiros proporcionaram importantes aprendizados e resultaram em mais investimentos para os negócios de impacto

Os esforços para promover e fortalecer os negócios de impacto como uma alternativa para enfrentar os diversos desafios da sociedade passam, necessariamente, pela experimentação e a mobilização de capital. Nesse sentido, em 2016, a Aliança pelo Impacto articulou um grupo de organizações interessadas na temática para direcionar parte de suas doações e investimentos ao desenvolvimento do campo das finanças sociais e experimentar o uso de diferentes mecanismos financeiros para apoiar os negócios de impacto. Assim nasceu o grupo Fundações e Institutos de Impacto, ou FIIMP.

O FIIMP surgiu no contexto do Lab de Inovação em Finanças Sociais, promovido pela Aliança. O laboratório se dedicou a desenvolver iniciativas e soluções para colocar em prática as recomendações estabelecidas pela Aliança para promover um ambiente propício para o desenvolvimento dos negócios de impacto. Uma das recomendações enfatizava que institutos e fundações deveriam destinar 5% de seus investimentos para negócios de impacto.

Márcia Soares, líder de Parceria e Redes do Fundo Vale, era uma das integrantes desse grupo e estava engajada em compreender e apoiar o ecossistema de negócios de impacto. Ela conta que as organizações que integravam o grupo tradicionalmente apoiavam negócios e projetos sociais e/ou ambientais por meio de doações e tinham pouco conhecimento sobre o universo dos investimentos e negócios de impacto.

A partir do diálogo proporcionado pelo Lab de Inovação em Finanças Sociais, a oportunidade de criar o FIIMP se tornou evidente. Ficou clara a importância de promover a troca de experiências práticas entre as organizações já envolvidas com investimentos sociais e que lidavam com os desafios que impediam as fundações e institutos de se envolverem mais com a temática.

O grupo se reuniu e tomou a decisão de destinar recursos para apoiar negócios de impacto e, ao mesmo tempo,

aprender com essa experiência. Mesmo que os recursos investidos inicialmente fossem relativamente modestos (cerca de R\$33,5 mil de cada participante), o somatório dessas contribuições permitiu a realização de diversas experimentações, explorando o uso de diferentes instrumentos financeiros.

Após selecionar os negócios que receberam o investimento do FIIMP, o grupo prosseguiu com ações de compartilhamento de experiências e monitoramento dos resultados, seguindo um modelo de governança estruturado. “Durante esse processo, chegamos a alguns acordos”, lembra Márcia. “Entre eles, o entendimento que o objetivo principal do grupo era aprender sobre veículos financeiros e as possibilidades de investir em negócios de impacto, o que nos levou a deixar de lado nossas agendas

temáticas individuais”.

O grupo adquiriu uma compreensão mais profunda sobre o papel do recurso filantrópico e como colocá-lo em prática, considerando o modelo operacional de cada instituição. “Essa abordagem proporcionou grande segurança para os institutos e fundações ao abordar o tema, permitindo avaliar limitações, identificar desafios e compreender as motivações por trás do investimento em negócios de impacto”, ressalta Márcia.

O FIIMP deixou evidente a importância de investir nos negócios de impacto e abriu caminho para que fundações e institutos pudessem ter visão mais clara para o engajamento nessa área. A partir dessa experiência, eles buscaram perspectivas mais abrangentes sobre os negócios de impacto, selecionando intermediários que oferecessem

apoio em áreas como gestão, governança, captação de recursos, avaliação de impacto e networking.

Márcia observa que, graças ao trabalho realizado pelo FIIMP, diversas fundações e institutos ganharam confiança e passaram a incorporar em suas agendas estratégias e programas para apoiar os negócios de impacto. “O próprio Fundo Vale estava passando por uma fase de reavaliação institucional quando começamos o FIIMP, e mergulhamos de cabeça na agenda de investimentos e negócios de impacto”, afirma. “Hoje, praticamente 100% dos recursos do Fundo Vale são direcionados para impulsionar uma economia mais sustentável, tendo como base os negócios de impacto”.

Em 2019, o grupo deu sequência ao FIIMP com a realização do FIIMP 2, agregando novas fundações e institu-



Laboratório de finanças sociais com conselheiro da Aliança, Antonio Ermirio de Moraes Neto.



REPRODUÇÃO NOTÍCIAS DE IMPACTO

Encontro FIIMP 2 (Fundações e Institutos de Impacto), 2018

tos. Nesta edição, seis negócios foram escolhidos para receber investimentos. Enquanto o primeiro ciclo focou em testar modelos financeiros, o segundo ciclo concentrou-se mais nos próprios empreendedores e nas diferentes fases de suas jornadas. “Queríamos entender em que momento o recurso filantrópico se tornava mais relevante para o negócio, ou em qual fase poderia ser melhor empregado”, explica Márcia.

O FIIMP foi muito além de apenas aprender a investir em negócios de impacto e a entender o papel das fundações e institutos nesse contexto. Foi uma oportunidade para construir um processo de confiança e trabalho conjunto, aproximando interesses em comum. Márcia ressaltou que se estabeleceram laços estreitos entre os participantes e até hoje mantêm contato e parcerias bilaterais com algumas das organizações.

Ao longo das duas edições, as fundações e institutos envolvidos investiram um total de R\$737 mil nessa empreitada. Além disso, o interesse nos investimen-

tos e negócios de impacto cresceu não apenas entre os participantes do FIIMP, mas também em outras organizações. O FIIMP desempenhou um papel catalisador para novas iniciativas, como o lançamento do Labora – Laboratório de Inovação Social da Oi Futuro, que aprofundou o apoio aos negócios de impacto, fortalecendo e conectando empreendedores que desenvolvem soluções para problemas sociais.

O papel estratégico e acertado da Aliança foi essencial no FIIMP, permitindo a experimentação concreta e a mobilização efetiva de recursos. Márcia destaca que essa abordagem gerou resultados significativos, incentivando a ampliação dos investimentos em negócios de impacto por parte das organizações. O modelo experimental promovido pela Aliança marcou um momento de transformação para muitas organizações engajadas nesse movimento. Márcia conclui que a experiência no FIIMP foi enriquecedora e inspiradora, gerando um impacto duradouro e positivo para o ecossistema. ■



SAIBA MAIS

Acesse os guias do FIIMP, que apresentam a jornada de aprendizado e experiências em finanças sociais e negócios de impacto.

DEPOIMENTO



REPRODUÇÃO/LINKEDIN

“A participação no FIIMP foi um passo fundamental na jornada do Instituto Votorantim no campo dos investimentos de impacto. Por meio da iniciativa, pudemos compreender melhor a jornada dos empreendedores e investidores e experimentar o apoio financeiro e não-financeiro aos negócios. Tudo isso em um ambiente seguro e de trocas ricas entre organizações que possuem o mesmo perfil. Mesmo após o término da iniciativa, seguimos compartilhando aprendizados e dilemas técnicos, estratégicos e regulatórios com o grupo.”

RAFAEL GIOIELLI

Gerente-geral do Instituto Votorantim

Empreendedorismo

SOCIAL

em pauta Brasil afora

POR **ARLINE LINS**

INFOGRAFIA **ISAC BERNARDO**

Organizações dinamizadoras como incubadoras e aceleradoras desempenham um papel crucial ao impulsionar os negócios de impacto em todo o país.

Em meio ao crescimento de modelos de negócio que buscam retorno financeiro e impacto socioambiental positivo, alguns gargalos se tornaram evidentes. Um dos problemas observados em 2015 era a fragilidade dos negócios de impacto. Investidores em potencial sentiam a necessidade de conhecer modelos de negócios mais maduros.

Entre as primeiras recomendações

#8 FORTALECIMENTO DE INCUBADORAS E ACELERADORAS PARA QUALIFICAR MAIS NI

criadas pela Aliança, estava a orientação sobre o fortalecimento de incubadoras e aceleradoras para qualificar mais negócios de impacto. Essas organizações são responsáveis, entre outras coisas, por oferecer apoio técnico e suporte em infraestrutura para os empreendedores desenvolverem seus negócios.

Atentos a esses desafios e embasados pela experiência de campo da Aliança, o ICE, a Anprotec e o Sebrae se uniram para construir estratégias e recomendações para capacitar as organizações intermediárias no apoio aos negócios de impacto. Essa união resultou na criação de diversos programas que colaboraram para a disseminação dessa agenda e no surgimento de novos negócios.

Para o ex-superintendente executivo da Anprotec e atual secretário de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Guila Calheiros, o empreendedorismo de impacto surge como mais uma força motriz na luta por equilíbrio social. “Você cria uma camada, para além das ações do poder público e das ações das ONGs, que traz a iniciativa privada de forma mais estruturada para tratar desses problemas

com soluções efetivas para problemas sociais”, afirma.

Quando se trata de apoiar o desenvolvimento de negócios de impacto, os desafios são consideráveis. É importante considerar as particularidades desse tipo de empreendimento. “Esses negócios normalmente tomam mais tempo para chegar ao equilíbrio econômico e financeiro”, explica Guila. “Daí a importância de enxergá-los de maneira distinta dos negócios tradicionais”.

A parceria entre o ICE, a Anprotec e a Aliança deu origem ao Programa de Incubação e Aceleração de Impacto. Realizado como um prêmio, o programa atendeu 45 incubadoras e aceleradoras de 17 estados brasileiros, impactando 2.817 empresas ao longo de seis anos. Ao fim de cada ciclo de

capacitação, as incubadoras e aceleradoras que se destacaram em diferentes regiões do país foram reconhecidas nacionalmente. Essa visibilidade desempenhou um papel crucial no engajamento das organizações.

Entre os destaques do programa estão a Centev/UFV, de Minas Gerais; o Centro de Empreendimentos em Informática da UFRS e a Unidade de Inovação e Tecnologia da Unisinos, ambas do Rio Grande do Sul; a Agência de Desenvolvimento e Inovação de Sorocaba – Inova Sorocaba, no interior de São Paulo; e a incubadora Santos Dumont, que atua em Foz do Iguaçu, no Paraná. Todas tiveram a oportunidade de incorporar a agenda dos negócios de impacto nas suas atividades e levar essa pauta para centenas de empresas incubadas.

Mariano Cenamo, no Fórum de Investimentos e Negócios Sustentáveis na Amazônia de 2018

PROGRAMA DE INCUBAÇÃO E ACELERAÇÃO DE IMPACTO

R\$ **430**

MILHÕES

em investimentos diretos e indiretos

R\$ **150**

MIL

por empresa incubada/ acelerada

Fonte: Site da Anprotec



Outro programa de destaque é o Inovativa de Impacto, uma frente do Inovativa, política pública criada em 2013 para apoiar o empreendedorismo inovador no Brasil. Liderado pela Anprotec em parceria com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, o Sebrae, a Fundação CERTI, o Impact Hub e a Associação Brasileira de Startups, o programa oferece aceleração para startups que tenham como missão gerar impacto social ou ambiental positivo.

O Inovativa de Impacto demonstra que nem sempre é preciso criar um novo programa dedicado aos negócios de impacto. “Podemos trabalhar os programas que já existem no apoio ao empreendedorismo inovador e calibrá-los para também atender os negócios de impacto”, ponderou Guila Calheiros. Segundo o ex-superintendente executivo, a Anprotec vem trabalhando ao lado de programas nacionais para que eles incorporem dentro das suas ações um olhar para os negócios de impacto.

“**Todas as ações que desenvolvemos na Anprotec sempre vão olhar os negócios de impacto como algo muito relevante, com estratégias específicas dentro de cada um dos nossos projetos, pois eles são fundamentais para a mudança de realidade no nosso país**”

GUILHERME CALHEIROS
Secretário de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI)

O crescimento do ecossistema também se reflete na ampliação das oportunidades de apoio aos negócios de impacto em diferentes partes do país. A AMAZ, por exemplo, é considerada a maior aceleradora e investidora de negócios de impacto na região Norte. Voltada para os empreendimentos que atuam na Amazônia, já apoiou 18 negócios desde a sua fundação, em 2018. A aceleradora conta com um fundo de financiamento híbrido de R\$25 milhões para os próximos cinco anos, sendo o primeiro voltado exclusivamente para a região amazônica.

Segundo o diretor-executivo e gestor institucional da AMAZ, Mariano Cenamo, a Aliança teve um papel importante na história da aceleradora. “A Aliança sempre foi uma grande inspiração, um lugar de conexões com atores do ecossistema de impacto do Sudeste. Nos gerou muitos benchmarkings e conteúdo para criar a AMAZ”, afirma.

Mariano acredita que os conhecimentos produzidos pela Aliança têm

colaborado para o desenvolvimento do ecossistema de impacto do Norte do Brasil e da Amazônia. “Nós temos um ecossistema muito grande, ainda bastante desestruturado, que está se formando agora, mas que terá que ser diferente do ecossistema do Sul e de São Paulo”, observa. “A Aliança e o ICE têm um papel de conseguir levar investimentos e atores desses outros ecossistemas para a Amazônia, onde nós vemos que o Brasil tem o seu maior diferencial”.

Com uma visão colaborativa e estratégica, a Aliança desempenhou um papel crucial ao ajudar a capacitar e fortalecer organizações intermediárias em todo o país. Esse esforço não só impulsionou a agenda dos negócios de impacto, mas também fomentou uma cultura de inovação destinada a enfrentar desafios sociais e ambientais. Cada incubadora, cada aceleradora, se tornou um elo essencial, gerando transformações tangíveis em comunidades e em diversos setores, de ponta a ponta do Brasil. ■

Impacto na

BASE

POR ARLINE LINS INFOGRAFIA ISAC BERNARDO

Os desafios de empreender com negócios de impacto nas periferias



MARIANNA SMILEYUNSPASH

Quando falamos em empreender para resolver problemas sociais, as comunidades vulnerabilizadas precisam ser protagonistas. Nas periferias das grandes cidades brasileiras, muitos empreendedores têm rompido barreiras e criado negócios que não apenas geram lucro, mas também promovem desenvolvimento econômico e social dentro de seus territórios. No entanto, esses negócios enfrentam diversos desafios, sobretudo na obtenção de investimentos.

De acordo com pesquisa realizada pelo FGVcenn (Centro de Empreendedorismo e Negócios da Fundação Getúlio Vargas), o capital inicial dos negócios fora da periferia é 37 vezes maior do que dos negócios que começam na periferia. Para mudar essa realidade, a Aliança tem trabalhado para incluir a periferia no diálogo sobre o empreendedorismo de impacto e ampliar as perspectivas sobre investimentos em negócios periféricos.

Um dos exemplos de empreendedorismo de impacto na periferia brasileira é a produtora cultural e negócio social A Banca, fundada pelo produtor musical Marcelo Rocha, conhecido como DJ Bola. A paixão pela música o fez transformar a realidade social da comunidade onde vive e espalhar conhecimento sobre empreendedorismo periférico pelo país. Inicialmente, a produtora realizava eventos de hip hop no Jardim Ingela, na cidade de São Paulo, que chegou a ser considerado pela ONU o bairro mais violento do mundo.

Ainda no início do trabalho, DJ Bola começou a oferecer oficinas musicais e, aos poucos, foi descobrindo o universo do empreendedorismo. Entendeu como se devem estruturar projetos para participar de editais e buscar financiamento. Esse conhecimento mudou a cena cultural local e ajudou a inspirar o nascimento de projetos sociais com outras finalidades. Seu primeiro contato com o ecossistema

de negócios de impacto foi através da Artemísia, ao participar do edital “Expedição de Jovens Empreendedores”, em 2007.

Nessa oportunidade, DJ Bola aprendeu a montar um plano de negócio. “Foi muito importante”, recorda. “E foi aí que conheci o ecossistema de negócios de impacto”. Nesse momento, ele passou a se posicionar como empreendedor social. O desafio de gerir um negócio com um leque pequeno de possibilidades de investimentos fez com que A Banca se tornasse um negócio de impacto por essência e necessidade. A produtora passou a oferecer aulas particulares, oficinas de DJ e a participar de editais públicos.

A brecha encontrada nas adversidades para impactar comunidades, fez com que DJ Bola alcançasse diferentes plateias. Enquanto empreendedor social, ele passou a ocupar espaços compartilhados por investidores que tinham curiosidade em conhecer projetos da periferia. Bola conta que havia uma in-

quietude interna ao olhar a distância entre os dois mundos e se perguntava onde estava a periferia no processo de tomada de decisão na concepção dos projetos. A partir daí, iniciou-se um movimento de aproximação que levou ao crescimento da A Banca enquanto organização de impacto da periferia. Hoje, o negócio atua em três frentes: cultura; consultoria e prestação de serviços; e articulação de negócios de impacto na periferia.

Entre os principais frutos está a ANIP – Articuladora de Negócios de Impacto da Periferia, que surgiu da necessidade de ajudar outras pessoas a ocuparem um lugar de fala representativo no mercado. Por ter vivido experiências empreendedoras fora da comunidade, Bola desejava trazer isso para dentro da quebrada, como ele costuma chamar, e construir o impacto social na própria comunidade. “Nós fizemos vários encontros para problematizar e discutir sobre fundos de

investimento, impacto social, o mercado, empreendedorismo, e sobre as barreiras que a gente precisa encarar e romper para avançar”, lembrou.

A partir da realização do 1º Fórum de Negócios de Impacto da Periferia, a potência das comunidades começou a ser enxergada por outros atores que estavam no ecossistema. O fórum colocou esses atores em torno da mesma mesa de discussão e resultou nas primeiras duas turmas de aceleração da ANIP, em 2018, voltadas para negócios de impacto das periferias da Zona Sul de São Paulo.

No ano seguinte, o programa cresceu e alcançou comunidades de todo o município, com uma turma formada por dez negócios, que foram acompanhados durante dez meses. Ao longo do processo, os empreendedores tiveram acesso a capacitações e investimento semente. Ao fim da segunda turma de aceleração, a ANIP percebeu outras lacunas no empreendedorismo de impacto em áreas periféricas.

A iniciativa deixou de ser apenas um programa de aceleração e passou a ser uma articuladora, com quatro frentes de atuação: “a primeira é a inspiração, onde realizamos fóruns, rodas de conversas e debates para problematizar; a segunda é aceleração de negócios, na qual passamos de dez acelerados por ano para trinta, com acompanhamento de 6 negócios destaque; a terceira é a geração de conhecimento, para falar dos aprendizados, das percepções sobre esse ecossistema; e a quarta é a de novos modelos financeiros. Pensamos em uma jornada completa de apoio aos negócios de quebrada”, descreveu o empreendedor social.

Durante a pandemia de Covid-19, quando muitos empreendedores ficaram negativados e não conseguiram acessar crédito, A Banca criou um fundo emergencial para negócios periféricos. Essa iniciativa extrapolou os limites de São Paulo e alcançou empreendedores de cidades em quase todas as regiões do país. No percurso, eles conversaram com mais de duzentas lideranças à frente de negócios de impacto, disseminaram o empreendedorismo periférico entre outras ace-



Lab de Comunicação 2017
- DJ Bola e Daniel Izzo

REPRODUÇÃO



leradoras, movimentos, organizações e, principalmente, investidores.

Hoje, a ANIP busca se reestruturar para se tornar um mecanismo de crédito para negócios de impacto da periferia. Bola explica que esses negócios precisam de independência financeira, que só virá por meio de captação de recursos e isso envolve riscos, visto que eles atuam em locais onde há parcial ou completa ausência do poder público. “No ano passado fizemos duas operações de crédito para dois negócios e este ano planejamos fazer mais uma”, conta. “Precisamos provar diariamente que o que a gente faz tem relevância e que existe negócio de impacto de periferia que consegue acessar um crédito, por exemplo, de R\$150 mil e que não vai usar esse crédito para fluxo de caixa. Ele vai investir para o negócio

crescer e causar mais impacto”.

Para o empreendedor, o trabalho que a Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto faz para fomentar o ecossistema é fundamental para conectar diferentes realidades. Um dos desafios, em sua opinião, continua sendo fazer o que a Aliança conseguiu executar algumas vezes: trazer a periferia para participar de todos os processos. Somente assim, o investimento conseguirá chegar aos empreendimentos periféricos em um contexto que vai além da doação.

É preciso aproximar linguagens, diferentes bolsos e perspectivas de realidade para que os negócios de impacto na periferia se tornem mais prolíferos. Quem apoia os negócios precisa estar próximo ‘da quebrada’, desprender-se de experiências vividas em um cenário com mais recursos para com-



7º Encontro da Rede
Temática (RT) de Negócios
de Impacto da Periferia

GIFE

EDITODOS: A POTÊNCIA DO EMPREENDEDORISMO NEGRO E PERIFÉRICO

Com o propósito de enfrentar o racismo estrutural e promover a equidade de gênero, por meio do fomento ao empreendedorismo negro e periférico no Brasil, surgiu, em 2017, a Coalizão Éditodos. Formada pelas organizações AfroBusiness, Agência Solano Trindade e Pretahub, de São Paulo; FA.VELA, de Minas Gerais; Instituto Afrolatinas, do Distrito Federal; e Vale do Dendê, da Bahia, a Coalizão reúne uma rede com mais de mil empreendedores em todo país.

Atuando como “uma pirâmide invertida que coloca toda a nação preta, parda e periférica no topo”, segundo definição da própria iniciativa, a Éditodos atua como uma organização intermediária que trabalha para atrair recursos financeiros de diversas fontes e investi-los em negócios de empreendedoras e empreendedores negros e da periferia.

O surgimento da Coalizão Éditodos está inerentemente ligado à história da Aliança pelo Impacto, mais especificamente ao Lab de Inovação Social, que resultou na criação de sete protótipos. Entre eles, o Fundo Éditodos, que seria gerido pelas organizações da Coalizão. A iniciativa estava alinhada com a recomendação #8 para o período de 2015 – 2020, que previa dar visibilidade e fortalecer empreendimentos periféricos.

Em sua primeira iniciativa, no período durante e pós-pandemia de Covid-19, a Coalizão captou R\$1 milhão, por meio do Fundo de Emergências Econômicas, para auxiliar 500 pequenos empreendedores de dez estados brasileiros, além do Distrito Federal. Junto a contribuição financeira de R\$2 mil para apoiar a manutenção dos negócios, o Coalizão ofereceu mentorias e acompanhamento de saúde mental exclusivo para mulheres a partir dos 50 anos. Em 2020, a terceira onda de captação de recursos buscou ampliar o alcance dos apoios financeiros com a participação de grandes empresas e or-

ganizações, inclusive do Instituto de Cidadania Empresarial (ICE).

Apesar de não ter programa ativo no momento, a Coalizão Éditodos realizou trabalhos importantes. Ao todo, 250 mil pessoas foram impactadas por meio de 130 projetos que deram origem a 547 novos empreendimentos. A iniciativa deixou um legado com diversos aprendizados. Esses aprendizados podem ser conferidos no livro “O impacto do afroempreendedorismo”, lançado pela Coalizão, em 2020.

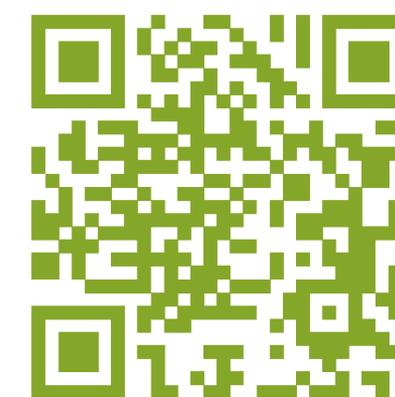
Segundo o Sebrae, a população preta e parda representa 52% dos empreendedores brasileiros. No entanto, a renda mensal desse grupo foi 32% inferior à média de rendimentos dos empreendedores brancos no segundo trimestre de 2022. O empreendedorismo de impacto que nasce nas periferias do Brasil, embora não resolva todos os problemas, é uma esperança para mudar essa realidade. Como acredita a Coalizão Éditodos, os saberes ancestrais das populações minorizadas são capazes de transformar o mundo e, mais cedo ou mais tarde, todos os setores da economia e da vida social serão impactados pela inovação e pela criatividade de líderes comunitários emergentes das periferias. ■

preender a fundo as reais necessidades de comunidades mais fragilizadas nesse aspecto. “Ter visão de longo prazo, colaborar com conhecimento, mas também considerar o conhecimento e a experiência de vida que a gente tem”, enfatiza DJ Bola.

Transformar o setor de investimentos de impacto em um ambiente mais democrático e diverso é um enorme desafio. Para isso, Bola sugere que fundações, institutos, empresas e investidores conheçam a cadeia produtiva das periferias. “Quer reduzir a desigualdade social e econômica? Contratem consultores, educadores, fornecedores, artistas, produtores, influenciadores da periferia. Considerem nossos conhecimentos empíricos, ancestrais e de vida. Mas venham rápido porque, segundo dados da Rede Nossa São Paulo, eu tenho trinta anos de vida a menos de quem vive do outro lado da ponte”.

“ Não dá para criar negócio de quebrada sem que ninguém [da periferia] esteja no processo. Temos uma vida inteira de aprendizados acumulados que precisam ser considerados ”

DJ BOLA
Empreendedor social e fundador de
A Banca



SAIBA MAIS

Confira a publicação *O Impacto do Afroempreendedorismo* no site da editora Aupa Jornalismo

Legado conceitual para o ecossistema

NACIONAL

POR ARLINE LINS

INFOGRAFIA ISAC BERNARDO

Ao promover a produção de conhecimento e a construção de conceitos, a Aliança desempenha um trabalho essencial para criar um ambiente propício para o desenvolvimento dos investimentos e negócios de impacto.

Produzir conteúdo e apoiar estudos e publicações que tratam dos conceitos e dados envolvendo os investimentos e negócios de impacto, é um dos pilares de atuação da Aliança. Ao longo dos seus dez anos de história, a Aliança produziu 22 documentos, entre artigos, estudos, relatórios, listas de recomendações, e apoiou 15 publicações produzidas por parceiros. Cada publicação foi pensada estrategicamente para ajudar a estruturar o ecossistema e servem como base para empreendedores, investidores, poder público, e outros atores, atuarem no campo dos negócios de impacto.

O ano de 2014 foi o pontapé inicial para a produção de conteúdo, com a publicação “Bancos e Agências de Desenvolvimento: Sugestões para potencializar as Finanças Sociais e os Negócios de Impacto no Brasil”. O estudo detalha as oportunidades de atuação dos bancos e agências de desenvolvimento no campo dos negócios de impacto no Brasil. A publicação traz, ainda, uma análise do trabalho de organizações internacionais do Reino Unido, dos Estados Unidos e da Alemanha, com apontamentos de formas de integração com os negócios de impacto.

Para esclarecer questionamentos de empreendedores de impacto sobre o enquadramento legal adequado para os seus negócios, a Aliança encomendou o “Estudo dos Formatos Legais existentes no Brasil que podem servir aos Negócios de Impacto”. Apresentando um levantamento dos principais formatos jurídicos e suas características, a publicação desmistificou pontos polêmicos da legislação e concluiu que um negócio pode ser de impacto independente de sua formatação legal.

Outra importante publicação foi o “Mapeamento dos Recursos Financeiros disponíveis no Campo Social do Brasil com o objetivo de identificar recursos potenciais para Finanças Sociais”. Realizado pela consultoria Deloitte a pedido da Aliança, o mapeamento identificou recursos e mecanismos institucionais existentes e não explorados, que poderiam ser melhor aproveitados para o fortalecimento do campo das finanças sociais. O estu-



Participante da oficina para desenvolvimento da ferramenta Modelo C

DIVULGAÇÃO/AMAZ

A Aliança teve a coragem de enfrentar todas as conversas e conceitos complexos, trazendo-os para o centro das discussões. O notável mérito da Aliança é a construção de um ecossistema sólido, o desenvolvimento de conceitos fundamentais

MARIANA FONSECA
Cofundadora e CEO da Pipe Social

do apontou que apenas 3% do montante disponível para investimentos no campo social, na época, era investido em mecanismos que geram impacto social com sustentabilidade financeira.

A “Carta de Princípios para Negócios de Impacto no Brasil” foi um marco relevante para o avanço da agenda. A publicação recomenda quatro princípios para definir o que são negócios de impacto. Os princípios ajudaram a nivelar o entendimento sobre esse tipo de empreendimento e serviram como base para diferentes atores interessados em incorporar a temática em sua atuação — a exemplo de aceleradoras, fundos de investimentos, gestores públicos e acadêmicos.

Um dos principais documentos construídos pela Aliança foi a publicação “Finanças Sociais: Soluções para Desafios Sociais e Ambientais”. Lançada em outubro de 2015, o documento consolidou 15

recomendações para fortalecer o campo dos negócios de impacto no Brasil até 2020. A publicação teve como fonte estudos nacionais e internacionais e consulta a 500 pessoas, para garantir a diversidade de visões sobre o tema. No documento, cada recomendação contém um contexto, experiências globais e locais inspiradoras, sugestão de metas e atores-chave.

Mariana Fonseca, cofundadora e CEO da Pipe Social, possui ampla experiência na elaboração de estudos no campo dos negócios de impacto e testemunhou o importante papel que a Aliança desempenhou ao trazer mais concretude aos conceitos desse mercado. “A Aliança teve a coragem de enfrentar todas as conversas e conceitos complexos, trazendo-os para o centro das discussões”, afirma. “O notável mérito da Aliança é a construção de um ecossistema sólido, o desenvolvimento de conceitos fundamentais, a aco-



Participantes do 2º Lab de Inovação Social em visita a Agência Solano Trindade, 2017

lhida aos novos participantes do mercado e a habilidade de compreender e mediar desafios entre diversos atores e projetos”.

A Pipe Social surgiu a partir da dificuldade do mercado em organizar dados dos negócios de impacto que estavam surgindo. “Durante a elaboração de um estudo sobre negócios de impacto na área da educação, percebemos a dificuldade do mercado em organizar dados, estatísticas e acompanhar o histórico dos empreendedores, o que nos levou a criar a Pipe”, relembra Mari.

Em sua primeira versão, a Pipe Social desenvolveu uma plataforma para que os negócios pudessem se cadastrar. Os dados gerados pela plataforma levaram ao início de um mapeamento inédito até então. A ideia foi prontamente encampada pela Aliança e a primeira conversa sobre essa iniciativa aconteceu no escritório do ICE.

A criação do 1º Mapa de Negócios de Impacto Social + Ambiental, realizado em 2017, proporcionou uma compreensão mais ampla do mercado brasileiro. Desde então, realizado a cada dois anos, o mape-

amento acompanha a evolução do pipeline de negócios de impacto socioambiental no Brasil e ajuda os atores envolvidos a gerar oportunidades e traçar estratégias para fomentar os negócios.

Mariana ressalta o papel da Aliança como um hub de conexão entre empreendedores e outros atores do ecossistema. “A Aliança ofereceu uma perspectiva mais abrangente do mercado do que a Pipe poderia ter sozinho. Embora sempre tenhamos ouvido muitos empreendedores, a Aliança teve um papel fundamental em fornecer uma visão mais holística do ecossistema, envolvendo intermediários e financiadores”.

Essa visão levou ao desenvolvimento do Guia 2.5, elaborado pelo Quintessa. O guia auxilia os empreendedores a identificar organizações e programas que oferecem suporte técnico e financeiro. Esse recurso permite que os empreendedores busquem apoio adequado às suas necessidades e propósitos, evitando inscrições desalinhadas com os programas de aceleração ou financiamento oferecidos.

ALGUMAS PUBLICAÇÕES DA ALIANÇA



OS 4 CRITÉRIOS QUE FORAM CONCLUSÃO DO ESTUDO

CRITÉRIO 1

Intencionalidade de resolução de um problema social e/ou ambiental

1

CRITÉRIO 2

Solução de impacto é a atividade principal do negócio

2



**SAIBA
MAIS**

Confira
o estudo
completo

3

CRITÉRIO 3

Busca de retorno financeiro, operando pela lógica de mercado

4

CRITÉRIO 4

Compromisso com monitoramento do impacto gerado

Com o crescimento do ecossistema e o amadurecimento do debate sobre o campo dos investimentos e negócios de impacto, em 2019, a Aliança lançou o estudo “O que são negócios de impacto?”, em parceria com a Pipe Social. O estudo revisitou a Carta de Princípios publicada em 2015 e ouviu mais de 200 pessoas que empreendem, apoiam ou investem em negócios de impacto.

De acordo com Mariana, foi um trabalho detalhado que debateu o cenário, pressionando feridas, ouvindo experiências, e que resultou na atualização dos quatro critérios que auxiliam na delimitação do que é um negócio de impacto. “É um estudo muito simbólico, referência para o mercado. Inclusive, o Brasil tem muito mais transparência nessa conversa do que outros países”.

“A Aliança tem um papel essencial em gerar conteúdo, pensar o ecossistema, ouvir suas demandas e retornar isso na forma de produtos que possam capacitar, orientar e ajudar a planejar.”

MARIANA FONSECA
Cofundadora e CEO da Pipe Social

Ao exercer a função de apoiar o desenvolvimento do ecossistema de forma colaborativa, a Aliança abriu caminhos para novos empreendedores e investidores. Mari observa que a qualidade e relevância dos estudos da Aliança contribuíram para o atual crescimento do ecossistema. “A Aliança não criou nada do zero, ela fomentou algo que estava nascendo”, afirma. “Desde a modelagem de investimentos, aos alicerces dos conceitos, ao fomento atores intermediários que chegam aos empreendedores que estão na ponta. Tem um crescimento acontecendo que cabe à métrica de impacto da Aliança”.

Após acompanhar a evolução do ecossistema entre 2015 e 2020, a Aliança embarcou em um novo processo de escuta, que envolveu mais de mil pessoas, para identificar os pontos de intervenção que poderão avançar e fortalecer o ecossistema de investimentos e negócios de impacto. Esse processo culminou na publicação “Visões de futuro para a agenda de impacto no Brasil”, com novas recomendações até 2025.

As novas recomendações são um caminho para fortalecer a articulação entre atores que compõem o ecossistema. De acordo com Fernanda Bombardi, gerente-executiva do Instituto de Cidadania Empresarial (ICE), as recomendações para o ciclo 2021–2025 ajudaram a nortear as estratégias da recém-criada Coalização pelo Impacto. “Por ser um documento construído a partir de contribuições de muitos atores, ele traz uma legitimidade do campo das escolhas estratégicas que as organizações podem fazer na sua atuação para fortalecer o ecossistema de investimentos e negócios de impacto”, afirma Fernanda.

A Aliança acredita na importância da construção coletiva com objetivos comuns. Quanto mais as organizações que dinamizam o ecossistema refletirem a realidade complexa do país, quanto melhor for a jornada de empreendedores e investidores na busca por soluções para os problemas sociais, mais impacto positivo haverá na sociedade. As recomendações lançam as bases para que, nos próximos anos, o ecossistema de impacto no Brasil torne-se tão robusto quanto é indispensável. ■

DEPOIMENTO



“Os negócios de impacto socioambiental positivo representam um novo modelo de gestão e de visão. No entanto, como qualquer novo campo de estudo, este tipo de empreendimento precisa de referenciais conceituais e exemplos práticos para poder se consolidar. A Aliança para o Impacto teve um papel essencial de aglutinar diferentes atores e sistematizar informações que servem de pontapé inicial para trabalhos acadêmicos. As publicações realizadas são utilizadas como referências bibliográficas de TCCs, dissertações de mestrado e teses de doutorado. A produção de conhecimento por parte da Aliança de Impacto e suas recomendações de fortalecimento do ecossistema voltado para negócios de impacto, sem dúvida, favoreceu aquilo que hoje chamamos de engaged research, ou seja, investigação científica que partilha do princípio do envolvimento colaborativo com a comunidade e visam melhorar, compreender ou investigar uma questão de interesse ou preocupação pública, incluindo desafios socioambientais.”

GRAZIELA COMINI

Coordenadora do Centro de Empreendedorismo e Administração em Terceiro Setor (CEATS), Vice-presidente do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) e Professora Associada da FEA-USP

9 RECOMENDAÇÕES 2020 – 2025



FOMENTO A DINAMIZADORES DE IMPACTO

Promover iniciativas estruturantes que alavanquem a jornada de empreendedores(as) de impacto (redes, plataformas de formação e conexão, e condições para replicação de boas práticas).



ECOSSISTEMAS LOCAIS DE IMPACTO:

Fortalecer coalizações locais comprometidas em articular organizações, redes e políticas públicas para a agenda de investimentos e negócios de impacto.



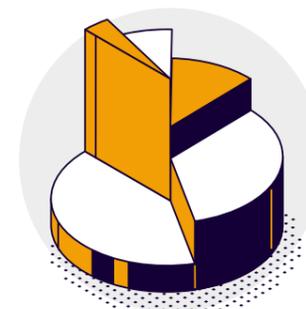
NEGÓCIOS DE IMPACTO EM TERRITÓRIOS VULNERABILIZADOS:

Ampliar e fortalecer organizações que deem apoio a negócios de impacto em periferias rurais e urbanas, viabilizando formações, mentorias, acesso a recursos financeiros, a redes de mercado e a conhecimento.



CONEXÃO COM NEGÓCIOS AMBIENTAIS:

Criar teses de impacto ambiental positivo que incluam indicadores e boas práticas, as quais possam servir como referência para empreendedores(as), investidores(as), gestores(as) de fundos e organizações de apoio a negócios.



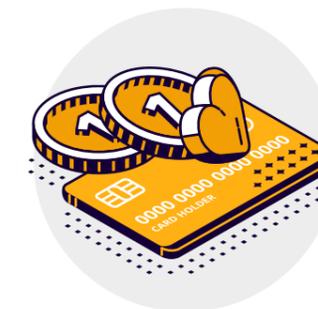
CONTABILIDADE DE IMPACTO:

Ampliar e qualificar a discussão sobre a monetização dos impactos socioambientais para todo o mercado, propondo o teste e a análise das metodologias disponíveis.



PORTFÓLIOS DE IMPACTO

Disseminar a visão de portfólio com produtos comprometidos em entregar impacto socioambiental positivo para acelerar a oferta desses produtos.



GRANDES EMPRESAS DINAMIZAM IMPACTO

Criar laboratórios de inovação, linhas de crédito e redes de intraempreendedores(as) para fomento à inovação e impacto em torno de problemas socioambientais estruturantes do país.



TECNOLOGIAS PARA IMPACTO:

Aproximar o ecossistema de negócios de impacto de redes e expertises de tecnologia para processo de influência cruzada (a tecnologia escalar os negócios e seu impacto, e a agenda de impacto influenciar o desenvolvimento de tecnologias).



COMUNICAÇÃO PARA IMPACTO:

Coconstruir narrativas que aproximem públicos de interesse à causa dos investimentos e de negócios de impacto, garantindo a criação de uma linha de base (metas e indicadores de partida) que permita o monitoramento coletivo de resultados de comunicação.



SAIBA MAIS

Confira a publicação completa

A forma de fazer da

ALIANÇA

POR AMÉLIA GOMES

A Aliança pelo Impacto se destacou como uma organização estruturante do ecossistema de negócios de impacto graças a sua abordagem inovadora e colaborativa. Essa metodologia única de trabalho contribuiu significativamente para o desenvolvimento do setor

A atuação da Aliança como uma organização estruturante do ecossistema de investimentos e negócios de impacto no Brasil, se caracterizou pelo comprometimento com processos colaborativos, evidentes em sua maneira de operar. A organização incorporou etapas de escuta pública em seus estudos, realizou convocações abertas para financiamentos e conduziu laboratórios colaborativos para desenvolver protótipos de ação. Isso também se reflete no compromisso de destacar e reconhecer as organizações e iniciativas que impulsionam o avanço do ecossistema.

Diogo Quitério, vice-diretor do Instituto de Cidadania Empresarial (ICE), que coordenou a Aliança pelo Impacto entre 2015 e 2022, lembra que no início, muitos questionavam a necessidade de aprofundar sobre os conceitos. “Ouvimos muito a pergunta: por que vocês estão burocratizando a conversa, criando conceitos novos?”, relembra. No entanto, a Aliança sempre defendeu a importância do processo de conceituação do ecossistema, pois permitiria compreender as características e expectativas dos negócios e investidores e, assim, direcionar seus esforços de maneira mais precisa.

A Aliança não é e nem criou o movimento dos investimentos e negócios de impacto no Brasil. Seu papel é dar visibilidade aos conceitos, organizações, redes e à dinâmica de relacionamento entre as partes que constituem este movimento. A organização tem o privilégio de ser mais uma iniciativa do movimento pelos negócios de impacto, com a particularidade de que seu foco reside no próprio ecossistema.

Isso trouxe legitimidade, isenção e ampliou o poder de convocação para escuta, o que facilitou os processos de colaboração entre atores do setor. “Nosso posicionamento sempre foi o de ser uma iniciativa que entende, estuda e atua em prol das organizações de apoio aos empreendedores e aos in-

vestidores que querem atuar com impacto”, ressalta Diogo.

A Aliança trilhou uma longa jornada para consolidar sua legitimidade e embasamento conceitual. Em 2013, quando a compreensão sobre o tema era limitada, a Aliança se associou a várias organizações especializadas. O período inicial foi dedicado a um estudo aprofundado do assunto. Essa imersão permitiu identificar lacunas e compreender como impulsionar os investimentos e negócios de impacto. Nos dois primeiros anos, a Aliança lançou 11 publicações que permitiu uma compreensão abrangente das discussões em curso e facilitou a assimilação de conceitos, iniciativas e parceiros.



MIMI THIAN/UNSPLASH

“Fazer a ponte com e entre organizações do ecossistema de apoio a negócios de impacto é a ação que está no DNA da Aliança”

DIOGO QUITÉRIO
Vice-diretor do Instituto de Cidadania Empresarial (ICE)

A forma de fazer da Aliança também fica evidente na ênfase à cocriação e processos colaborativos. A publicação “O que são Negócios de Impacto?”, por exemplo, se propôs a criar parâmetros comuns para diferenciar empreendimentos de impacto daqueles que não são orientados pelo impacto. Isso envolveu ouvir mais de 250 pessoas por meio de entrevistas diretas, grupos de trabalho ou plataformas abertas. O mesmo formato é implementado na maioria das publicações da Aliança, passando por um processo de escuta durante a criação do conteúdo, ou de validação após o conteúdo ser criado e antes de ser publicado.

O trabalho da Aliança proporcionou diálogos que resultaram em constru-

ções relevantes para o ecossistema. A organização articulou a aproximação do ecossistema nacional e global ao participar do Global Steering Group on Impact Investing (GSG), uma entidade do Reino Unido dedicada a fomentar o ecossistema de investimentos e negócios de impacto em âmbito global.

“Eles queriam conhecer os negócios de impacto brasileiros, ampliar o debate para além dos países do G8, e a Aliança foi convidada a trazer uma perspectiva diferente para o grupo”, relata Diogo. A Aliança participou de diversos eventos dessa rede global, influenciando e sendo influenciada por discussões, além de organizar comitivas de representantes brasileiros para esses espaços de inspiração e boas práticas.

Outra ação que evidencia a forma de atuação da Aliança, foram os laboratórios de inovação aberta realizados a partir da observação de lacunas relacionadas à implementação das recomendações propostas em 2015. A Aliança reuniu organizações de todo o Brasil para dialogar sobre os desafios. Essas organizações passaram por diferentes atividades para compreender outras realidades e, coletivamente, pensar em novas soluções criativas. “Esse formato de aproximar organizações de todo o território brasileiro e, a partir disso, criar protótipos inovadores ilustra muito bem a abordagem da Aliança”, reforça Diogo.

Com essas ações, a organização passou a expandir a pauta dos investimentos e negócios de impacto para além do eixo Rio-São Paulo, onde as ações estavam historicamente concentradas. A partir dos laboratórios de inovação, surgiram 16 protótipos de iniciativas de impacto, como o FIIMP, o ForImpact, a InovAtiva de Impacto e a Coalizão Éditos – já mencionados ao longo dos capítulos desta publicação.

Criar e manter bases de dados capazes de acompanhar a evolução do ecossistema sempre foi uma das prioridades. Foram dedicados recursos financeiros e humanos para fortale-



Lab de Comunicação 2017

REPRODUÇÃO/ALIANÇA

cer pesquisas relevantes. Entre elas, o Mapa de Negócios de Impacto Social da Pipe Social, financiado e fomentado pela Aliança desde a sua primeira edição; a pesquisa da Aspen Network of Development Entrepreneurs (ANDE), que dimensionou o volume de capital direcionado aos investimentos de impacto no Brasil; e o Guia 2.5 do Quintessa, publicação que organiza a oferta de apoios disponíveis para os empreendedores.

Nos bastidores, a Aliança atuou pelo fortalecimento do ecossistema ao se reunir de forma recorrente com pessoas, organizações e redes interessadas em entender os conceitos e potencialidades dos negócios de impacto. “Fizemos centenas de conversas e palestras

eram paralisadas porque não havia consensos mínimos”, relembra Diogo. “Atualmente, nós vemos essas conversas fluindo de forma muito mais natural em redes de incubadoras, aceleradoras, empreendedores e universidades de todo o Brasil”.

A “forma de fazer” da Aliança, presente em todas as suas ações, demonstra seu compromisso com o desenvolvimento do ecossistema. Seus resultados são a prova que desenvolver uma estrutura adequada, que ofereça o suporte necessário para empreendedores, dinamizadores e investidores de impacto de todo o Brasil, é o primeiro passo para, de fato, gerar impacto socioambiental positivo e construir definitivamente uma nova economia. ■

DEPOIMENTO



REPRODUÇÃO/LINKEDIN

“A Aliança teve papel fundamental na estruturação e no florescimento do campo de negócios e investimentos de impacto no Brasil. Combinando visão estratégica, altruísmo, empatia e profissionalismo, trouxe a agenda para o centro da estratégia de centenas de organizações de todos os setores e regiões, movendo capital e influenciando políticas públicas. Como Aoka e Instituto Climate Ventures, tivemos o privilégio de colaborar e aprender muito nessa trajetória bem-sucedida de uma verdadeira backbone organization.”

DANIEL CONTRUCCI
Diretor-executivo Aoka & Climate Ventures

#FUTURO

Um olhar para o

FUTURO

Com a palavra, a nova diretoria

Desde 2013, a Din4mo tem atuado em prol do ecossistema de impacto. Com o Programa Inovadores de Impacto, apoiamos mais de 100 empreendimentos de alto impacto a cruzar o vale da morte. Por meio da Din4mo Ventures, fomos pioneiros em crowdequity de impacto e, junto a uma rede de mais de 1 mil investidores de impacto, mobilizamos mais de R\$20 milhões em rodadas de captação.

Em seguida, identificamos a oportunidade de desenhar estruturas inovadoras de financiamento para o ecossistema. Fomos pioneiros em blended finance e desenhamos e implementamos, em colaboração com Gaia e TozziniFreire, a primeira debênture de impacto no país para financiar famílias em favelas a reformarem suas casas junto à Vivenda.

Criamos o BlendLab com o objetivo de prototipar e impulsionar projetos de blended finance para desenvolvimento territorial periféricos. Captamos R\$15 milhões para o SOMA, a fim de subir o primeiro empreendimento para revolucionar o mercado de habitação social em centros urbanos. E nos tornamos parceiros da Convergence Finance para a América Latina.

Em nossa visão, apoiar negócios de impacto, democratizar o investimento de impacto e inovar em mecanismos de financiamento são importantes, contudo, longe de suficientes. É PRECISO FORTALECER O ECOSSISTEMA e vemos duas alavancas: lideranças e infraestrutura.

Por isso, criamos a Din4mo Lab, uma associação sem fins lucrativos com o objetivo de gerar bens públicos e foco no bem comum, promovendo iniciativas que fortaleçam o nosso ecossistema. O primeiro protótipo da Din4mo Lab foi um projeto de desenvolvimento de lideranças sistêmicas, o Agente Muda, que está construindo uma comunidade de práticas com mais de 35 lideranças nacionais a fim de mudar as regras do jogo em direção a uma economia equitativa e regenerativa. Para fortalecer e ampliar a infraestrutura do ecossistema, propusemos



DRMAKEETE LAB/UNSPASH

assumir a diretoria executiva da Aliança.

Nos últimos 10 anos, a Aliança, com a direção do ICE, atuou de forma ativa e colaborativa na construção das bases para o campo no Brasil. Agora, assumimos a Diretoria Executiva e contaremos com a parceria técnica com a ABC Associados nas frentes de conhecimento e articulação em rede.

Contamos também com um Conselho renovado, com lideranças que honrarão o corpo diretivo anterior e que seguem com profundo conhecimento e envolvimento com a agenda de impacto no Brasil. Confiamos que a união dos esforços, experiências e conhecimentos de todas essas pessoas que estão conosco nessa missão nos permitirá contribuir com os demais atores do ecossistema de forma significativa.

Nossas ambições são grandiosas. Queremos ser uma organização autosustentável e uma referência tanto no

âmbito nacional quanto global, transformando o impacto em algo comum e prioritário para investidores, empreendedores e sociedade civil.

Ampliaremos nossa atuação por meio de novas estruturas de governança e estratégias de captação. Através de nossa parceria com o The Global Steering Group for Impact Investment (GSG), queremos trazer mais inovações e recursos para o Brasil, assim como mostrar ao mundo todas as nossas conquistas e avanços, que merecem reconhecimento. Contamos ainda com um horizonte muito positivo nos próximos anos, a vinda do G20 para o Brasil em 2024 e a COP30 em 2025, e nos dedicaremos para aproveitar esse momento inédito para impulsionarmos a agenda de impacto no país!

Atuaremos em 3 eixos principais: produção de conhecimento, articulação nacional e global e influência em políticas públicas. Por meio deles, uniremos es-

forços aos demais atores dessa jornada para que juntos possamos mobilizar mais capital para a economia de impacto. Somente com uma maior alocação de recursos conseguiremos viabilizar a transformação socioambiental positiva que precisamos para as pessoas e o planeta.

Sabemos que o caminho à frente será complexo, mas acreditamos firmemente que com as pessoas e parcerias certas, estaremos preparados para essa jornada e conseguiremos cumprir nossa missão. É urgente a necessidade de fazermos a transição para uma economia de impacto. O mundo, o país e nós precisamos agir, pois não há tempo a perder. Juntos, podemos criar uma mudança significativa e construir o futuro das próximas gerações. ■

MARCEL FUKAYAMA

Presidente do Conselho da Aliança pelo Impacto



ALIANÇA
PELOS INVESTIMENTOS
E NEGÓCIOS DE IMPACTO



DINAMO
LAB